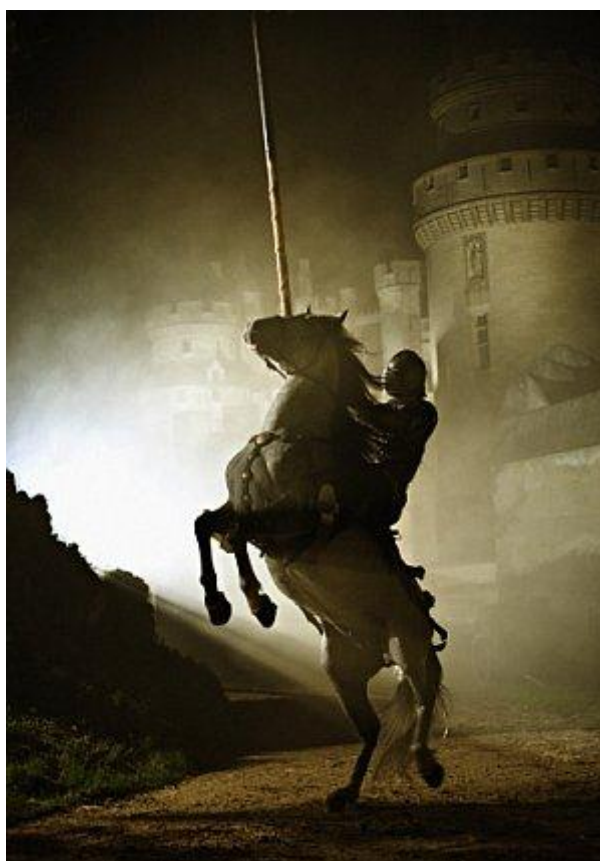


# EU FUI LANCELOT

*Testemunho de Um Cavaleiro da Távola Redonda na Época Atual*  
(Conto Espírita)



*Christina Nunes*  
*Dezembro de 2011*

*Créditos de Imagem:*

Capa: [http://tvmedia.ign.com/tv/image/article/100/1001205/merlin-lancelot\\_1246896562.jpg](http://tvmedia.ign.com/tv/image/article/100/1001205/merlin-lancelot_1246896562.jpg)

Miolo: [http://th02.deviantart.net/fs70/PRE/i/2011/100/1/f/lancelot\\_camelot\\_collection\\_by\\_gin7gin8-d3dnca2.jpg](http://th02.deviantart.net/fs70/PRE/i/2011/100/1/f/lancelot_camelot_collection_by_gin7gin8-d3dnca2.jpg)

<http://i14.servimg.com/u/f14/13/04/46/25/arosea10.jpg>

[http://4.bp.blogspot.com/\\_bvX6IC2kqH8/TPUw9XljDAI/AAAAAAAAACTo/hf3tzOBo9aA/s320/2.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_bvX6IC2kqH8/TPUw9XljDAI/AAAAAAAAACTo/hf3tzOBo9aA/s320/2.jpg)



Talvez nunca tenha se escrito e falado tanto sobre as lendas de Arthur quanto no século atual, e no findo mais recente.

São livros de autores novos com estilos mais ou menos fidedignos às características e personagens, tidos como históricos, daqueles antigos acontecimentos. Músicas e filmes fantásticos da ótica do realismo visual e de produção, e do virtuosismo no desempenho de vários excelentes atores.

Como simples admiradora das histórias de Arthur e de seus Cavaleiros da Távola Redonda – sejam as narradas em filmes, livros, ou imaginadas durante a audição de prodigiosas composições *new age*, ou de trilhas sonoras fabulosas, como a de Hans Zimmer – não pretendo, aqui, acrescentar mais ou menos à legendária tradição, até por me faltar cabedal e *status* para tanto.

A intenção foi somente a de criar livremente, inspirada na lenda e na poderosa imagem do líder bretão; e, em especial, sobre um personagem desta lenda, que sempre me falou particularmente ao espírito: o Cavaleiro Lancelot - a meu ver, o de personalidade mais rica em nuances, e o mais carismático de toda a saga.

Que tal – e dirijo-me mais apropriadamente às aficionadas das lendas do rei Arthur – descobrir que Lancelot foi algo mais do que aquele Cavaleiro utopicamente escravizado a um romance espúrio com a rainha Guinevere? E se ele, hoje, retornasse, como mero guia turístico, para revelar, sobre estas coisas, outras e surpreendentes verdades? Conceitos diversos sobre alguns daqueles mais legendários acontecimentos distantes, e também a respeito de uma outra mulher, que fora, de forma desconhecida, o seu verdadeiro e grande amor, para derrocada de todas as suposições seculares quanto inverossímeis divulgadas neste sentido?

E se Lancelot vivera um outro grande romance, cuja protagonista, talvez, pudesse ser cada uma de nós?

Obviamente, não poderia deixar de imprimir a minha tonalidade espiritualista particular para este testemunho romanceado do principal Cavaleiro de Arthur, que, embora num primeiro momento nos compareça fictício, e desfazendo muitos dos mitos que lhe envolvem a antológica figura milenar, talvez que acidentalmente, ou por uma destas coincidências aparentes, nos traga alguma sombra, ou um pálido reflexo do que de fato este guerreiro audaz quanto enigmático viveu e nos contaria hoje, em pleno século XXI, das suas aventuras perdidas no tempo, se pudesse emergir das brumas das lendas distantes...

*Christina Nunes*

*Rio de Janeiro, em dezembro2011 / janeiro de 2012*

## 1

*Durante Uma Excursão*

*Afinal eu olhava mais detidamente* para o meu grupo de turistas daquele mês de inverno bretão.

Era um grupo pequeno. Umas seis pessoas corajosas o suficiente para enfrentar temperaturas negativas num inverno atípico, sem muita neve e com períodos de luz solar incomuns naquela estação do ano.

Ainda assim, enfrentariam muito frio. E, na correria da recepção no aeroporto não pude reparar melhor em todos eles. Assim, num primeiro momento, e apesar da sensação forte de familiaridade a seu respeito tão logo fomos apresentados, ela me escapou.

Agora, enfim, a revia. Consultei a ficha que trazia comigo, relacionando nomes. Era a única mulher viajando sozinha – jovem ainda, não ultrapassaria os seus trinta e poucos anos. O restante dos turistas se tratava de um casal em lua de mel e três amigos, de nacionalidades diversas, que haviam se conhecido pela internet num site de aventuras turísticas.

A princípio eu não conseguia me arrancar do estado de fascinação do qual me vi preso ao reconhecê-la. Ainda e sempre bela, como naqueles tempos passados, uma versão rediviva da mesma pessoa, séculos depois. A mesma pele transparente e acetinada, realçando os cabelos longos, levemente ondulados, da cor do cobre, embora, de relance, julgasse reparar no seu semblante uma sombra sonhadora refletindo tênue melancolia.

- Patrícia! – Enfim chamei, abordando-a no instante em que já ia se distanciando, meio deslocada entre as pessoas que iam e vinham no *hall*.

Estendi-lhe a mão, sorrindo, e notei que ela aparentava grande reconforto ao perceber que eu falava o seu idioma, porque era brasileira.

- Ah! Bom dia!...

- Você está meio perdida por aqui. Sou o seu guia. Lembra-se de mim?

- Claro! Mas não tinha certeza de que nos acompanharia hoje. – Ela também me sorriu. Um sorriso que veio fácil, embora eu a notasse um tanto atarantada. – O *hall* do hotel é grande e está tumultuado; então... Qual o seu nome mesmo? – Parou, incerta.

- Lancelot...

- Lancelot?!...

Houve uma hesitação, de ambas as partes, embora eu contivesse intencionalmente uma vontade inusitada de rir.

E observava as suas reações. Reparei que a simples menção deste nome evocou em Patrícia alguma curiosidade pueril, de mistura à evidente surpresa.

Ela deve ter se questionado sobre se tratar de fato do meu nome, ou de algum codinome ou apelido, mas não teve a coragem de externar a sua dúvida.

Resolvi vir em seu auxílio, apesar de também não conseguir disfarçar o meu divertimento.

- É o meu nome, mesmo. Não se preocupe, outros já me perguntaram...

- Você é inglês? – Ela permanecia um tanto confundida, analisando-me com o belo olhar de brilho um tanto infantil, embora o fizesse com comedimento.

- Sim, eu sou. Por que?

- É que... fala o meu idioma com perfeição!

Era esta a razão; mas não somente.

Patrícia ainda se via intrigada com o meu nome, mais do que outros talvez se mostrassem a respeito, embora não pudesse, ali e ainda, deduzir as causas. Mas eu, de antemão, as conhecia.

Entreolhamo-nos um pouco; os outros turistas do meu grupo surgiram no *hall*, e tive tempo para apenas lhe oferecer uma explicação breve a mais.

- Conversaremos, e entenderá que fiz questão de ser poliglota... por mais de um motivo! Mas venha comigo. Preciso receber o restante do grupo...

## 2

*Ante Cenários de Guerra*

*Visitáramos, numa sequência de dias, roteiros que incluíam Badon Hill*, e, ao norte, a Muralha de Adriano, destinos obrigatórios de todo turista que se desloca de longe atraído para a Inglaterra por razões históricas, e não somente para admirar o *Big Ben* ou para frequentar *pubs* noturnos. E, diante destes panoramas colossais que entrelaçam milenarmente a Inglaterra a Roma, eu sempre me estendia bastante em explicações e descrições. Mas não necessariamente obedecendo, de forma automática, a algum script prévio, como o faz todo bom guia turístico.

Eu possuía meu próprio e vasto script – que se originava, sem que ninguém o suspeitasse, em reminiscências!

Todavia, naquela jornada turística em especial, e já tantas vezes repetida com outros grupos, eu teria que dar um jeito de me demorar particularmente com uma única turista, além de me desincumbir a contento com o restante do grupo. E, para isso, me utilizaria do tempo livre oferecido aos visitantes para que se espalhassem nas fortificações em ruínas e nas múltiplas outras atrações de pontos prévios do itinerário.

O destino me oferecera a oportunidade de reencontrar Patrícia, depois de tantos séculos, e não poderia desperdiçá-la. Quanto tempo se passaria até que acontecesse de novo?

Afinal, detinha a convicção da continuidade pura e simples da vida ao longo de várias reencarnações; todavia, uma vez fechadas as cortinas sobre cada um destes episódios, a realidade é que o que se impõe é a angústia, em muitos, acerca de quando e como reencontraremos outra vez pessoas de nossas relações extremamente caras à nossa afetividade. E, dentre estes, sem que naquele momento sequer o supusesse, aquela jovem era a principal, no que me dizia respeito.

Entretanto, disso, durante algum tempo somente eu guardaria a noção, e ela de nada, e nem de longe, desconfiaria. Pelas melhores e mais insólitas razões.

Assim, depois de me demorar conduzindo aquele reduzido quanto encantado grupo pelo primeiro trecho do percurso a pé ao longo da Muralha, explanando sobre tempos históricos de batalhas entre romanos, bretões e saxões, a pretexto do equívoco idiomático atraí Patrícia, a única a exigir entendimento linguístico diferenciado. Sentei-me com ela num elevado próximo das extensões relvadas e frescas das montanhas, banhadas pelo forte aroma campestre da manhã, ouvindo logo o seu comentário admirativo.

- Nossa, mas que bela e extensa aula nos ofereceu!

- Conseguiu entender o que eu dizia, em inglês?

Para certa surpresa minha, ela assentiu.

- Sim, o suficiente. Eu ouço bem em inglês. Apenas não falo com facilidade.

- Quer aprender a falar comigo? – Ofereci, com um sorriso.

- Em três semanas?! – Ela redarguiu, outra vez olhando para mim como se não pudesse levar a sério o que eu dizia.

Dei de ombros, admitindo o seu divertimento ostensivo.

- Por que não? Mas posso falar em português com você. Devo fazer assim, para o seu passeio ser mais agradável.

Patrícia consentiu, agradecida. E comentou:

- Fico imaginando como consegue reter na memória tantos detalhes históricos! As suas explicações me deixaram realmente impressionada... Lancelot. – Ela permanecia pouco à vontade pronunciando o meu nome.

Isto a constrangia, era visível no modo como sorria para mim, e me levou a abordar abertamente o assunto de um modo, a um só tempo, conveniente para outras coisas.

- Não são só os detalhes históricos que a impressionam. Mas ainda, e também, o meu nome, não é, Patrícia? – E fiz por onde externar jovialidade e humor no comentário para não constrangê-la ainda mais – No entanto, é um nome comum na Bretanha, e mesmo em outros lugares do mundo!

- Eu imagino! – Meneando, ela havia se constrangido do mesmo jeito, apesar da minha tentativa de descontraí-la – É somente pouca familiaridade. Para quem não se vê acostumada ao nome, parece, antes, um nick... ou apelido...

- Sim. – Sorri para ela, com divertimento – Como na internet. Um nick adotado, talvez, num começo de amizade, com os devidos cuidados... para se aproximar de alguém assim, bonita, atraente, como você...

Fui desastrado no arremate do comentário, que não pude evitar, olhando-a de um jeito que acabou por emudecê-la por vários momentos, ruborizando-a e levando-a a se desviar, encabulada, para os arredores.

- Olha... Não! Nem pensei nisso!... – Ela afinal replicou, sem graça.

Quase se levantou, e a tomei pela mão com gentileza, puxando-a de volta.

- Ei, eu sei! Não fique assim, desculpe! Sente-se! Precisamos conversar sobre algumas coisas...

Eu experimentava certa urgência para abordar de uma vez o ponto do diálogo que mais me interessava, e ela, de seu lado, obedeceu logo, mais por estranhar o teor inusitado do que proferi.

- “Precisamos conversar sobre algumas coisas”? – Repetiu, agora curiosa.

Tive o cuidado de lhe soltar a mão, que entrelaçava com alguma resistência. Procurei recuperar o controle do momento, explicando, cauteloso.

- Sim. Você comentou ter se admirado de tantos detalhes na minha palestra, e também do fato de eu falar bem a sua língua! – Passei a mão pelo rosto, suspirando e desviando-me um pouco para os cenários montanhosos em volta, com turistas de vários grupos espalhados, naquela manhã fria. Tentei evitar olhar para ela daquele jeito desarmado no qual se notaria fácil todo o fascínio que a sua simples presença me exercia – Bem, vou começar pelo idioma: eu lhe disse ser poliglota. É que realmente amo o que faço, desde o princípio. Tenho facilidade com idiomas, Patrícia! E já pude visitar muito deste mundo, compreende?

Voltei a olhar para ela. Mas involuntariamente sempre havia algo estranho na minha entonação; uma dubiedade cujas causas, por enquanto, somente eu mesmo conhecia. E isto a levava a se confundir e me questionar.

- Ah, sim... Como guia turístico?

- Como guia turístico o que, *my darling*?

- Já andou muito no mundo, como guia turístico?

- Também... – Respondi, depois de certa demora.

E tornamos a nos entreolhar; Patrícia, com a expressão do rosto meio perdida, até afinal devolver, ainda confusa, com um sorriso pueril:

- Como assim?

Imaginei que àquela altura ela já me julgasse um pouco descentrado, ou mesmo destituído de sanidade mental.

Mas, ainda assim, me encorajei para prosseguir.

Começaria, ali, a abordar o contexto delicado do nosso reencontro em plenas terras britânicas.

## 3

*De Entre as Brumas...*

- *Eu já andei muito por este mundo como guia turístico... Mas também me lembro de muitas coisas...*

- Ah, é? De quê?...

Havia me levantado, convidando-a a um passeio pelas cercanias perfumadas daquele trecho das colinas. E ela me acompanhou de bom grado. Mas era visível nos seus modos como já principiava a achar esquisito, tanto o meu comportamento, quanto o teor da nossa conversa. Assim, suas perguntas começaram a ficar reticentes, quase tímidas.

Fosse como fosse, eu deveria ser mais direto no que pretendia, ou não sairíamos daqueles preâmbulos, como um cão perseguindo o próprio rabo.

- De coisas de hoje, desde quando iniciei o trabalho com turismo. E de outras muitas... de outros tempos. – Sorri, olhando-a nos olhos, intencionalmente – De quando a conheci, Patrícia. Nestes mesmos lugares!...

A confusão era sempre crescente na sua fisionomia. Todavia, notei que, por uma razão qualquer, ela não podia se desviar de mim, num primeiro momento.

- De quando me conheceu... aqui?! Aqui, onde?!

- Aqui, na Bretanha!

Silenciamos e paramos de andar.

Antes que eu retomasse a palavra, já enveredando pelo ponto-chave do que queria lhe dizer, Patrícia meneou, confusa, encarando-me, adoravelmente.

- Escute... Desculpe a minha pergunta: mas quem lhe deu este nome, Lancelot? Sua mãe, ou o seu pai?

Não me contive. Larguei uma risada saudável, o que, estava visto, a havia na mesma hora embaraçado mais, porque ela emudeceu, sem saber o que pensar da minha reação.

No entanto, saberia menos ainda o que pensar do que ouviria em seguida.

- *My darling...* Foi o meu pai! Ele era um apreciador de Arthur e dos Cavaleiros da Távola, e em especial de Lancelot! Propôs o nome, quando nasci, e minha mãe concordou... Mas não pense que tudo isto é um acaso!

- E por que não é um acaso?

Foi a minha vez de hesitar um pouco antes de prosseguir. Mas já havia começado, e a verdade é que teria que continuar, ainda que sem saber com que reação contar da parte dela.

- Nada é um acaso, já dizia Merlin, Patrícia! Eu, aqui; você aqui, comigo. Eu sou Lancelot, e eu fui Lancelot!...

Parei um pouco, observando-lhe o jeito perdido.

A expressão de seu rosto não havia se modificado, o que significava que se via um tanto atarantada, e agora completamente esquecida até mesmo de que era uma turista em excursão pela Inglaterra.

De fato, os cenários impressionantes da Muralha de Adriano, próximos de onde estávamos, naquele momento não lhe exerciam mais qualquer atração.

- *Você foi Lancelot?! – Repetiu, tonta.*



Aproximei-me um pouco, para olhá-la mais de perto, cruzando os braços.

- Patrícia, você sabe que vivemos muitas vidas no passado, não sabe?

- Claro que sim!...

A entonação da resposta, porém, revelava que ela estava mais admirada por de algum modo eu saber que ela já sabia disso, do que por, propriamente, eu abordar aquele assunto sem nexos ali, sem mais nem menos.

- Então? Mas não adiantará que saiba disso, se o fato de eu mencionar algo concreto a respeito para você a chocar tanto!

- Mencionar o quê, Lancelot?! Desculpe!... – Ela tornou a se confundir.

- Você entendeu. Mas o seu lado racional está rejeitando! Eu falei com bastante clareza! – Respondi, ainda sorrindo e voltando a andar.

Sem notar o que fazia, ela veio atrás de mim.

Mas só depois de vários momentos em que a percebi perdida num silêncio atônito, se encorajou a dizer alguma coisa, e me dirigir uma pergunta que revelava o tanto que se modificara o seu estado de espírito a meu respeito, desde a hora em que a buscara no *hall* do hotel.

- Você está brincando comigo?

Olhava-me. E sorria também, mas de um modo preso, receoso. Quase assustado.

- Não, Patrícia! É o que você já entendeu! Eu fui aquele Lancelot, Cavaleiro de Arthur! A única diferença entre eu e você é que, como acontece com poucos neste mundo, eu me lembro claramente de tudo! E me lembro de você também, naqueles tempos. De como a conheci. E do que você foi para mim! – Contei, enquanto andávamos a passeio e eu fazia por onde manter-me com ela afastado do aglomerado maior de turistas espalhados pelo lugar – É por isso que a reconheci, assim que você chegou e a reencontrei! E é por isso, também, que não posso deixar de lhe contar estas coisas, agora!

Neste ponto parei e a analisei com interesse. Notei que se via claramente estupefata, destituída momentaneamente da capacidade de falar. E prossegui, empregando afetividade sincera no tom da voz.

- Patrícia, a vida nos ofereceu esta oportunidade, por vezes demorada, de reencontro, aqui, neste lugar da vida onde vivemos durante muito pouco tempo! É um presente! Não devemos desperdiçá-lo!

- Mas... você... me conhece de onde, Lancelot? Desculpe-me, mas não sei o que pensar do que estou ouvindo!...

- Conheço você daquela época, aqui, na Bretanha... bela Alexia! Você era uma das irmãs mais novas de Arthur! Mas a história não fala de você deste modo! Era muito reclusa! Digna e altiva!... – Pausei, e acabei não resistindo... – E linda! Foi a única mulher por quem, de fato, me apaixonei!...

O olhar de Patrícia, inevitavelmente, brilhou naquele momento com um clarão franco de receio.

Não havia dúvidas de que agora, e de fato, ela já me julgava algum tipo de insano, diante de quem havia a necessidade de guardar cautela.

Mas eu sabia que outra rede de energias atuava e se sobrepunha, ali, à sua revelia, e que os efeitos disso acabariam prevalecendo sobre o seu estado de espírito. Principalmente no que me dizia respeito.

A memória da atual Patrícia poderia estar temporariamente obstruída. Mas a Alexia da antiga Bretanha, de onde nos achávamos naquele momento, ainda me amava. E esta certeza me conservou intacta a serenidade com que abordava com ela aquele assunto.

- **Eu?! Irmã de Arthur, o Cavaleiro das lendas?!!** – Redargui, parando de chofre diante de mim, quase indignada. E como eu apenas assentisse, atento aos seus mínimos gestos, de um jeito desarmado que lhe expunha, provavelmente, tudo, ou quase tudo, que sentia a seu respeito, largou sem querer uma risada nervosa, meneando e desviando-se, sem poder sustentar muito o meu olhar.

- Está bem... Deixa eu ver se entendi, e até onde você vai com isso! Eu?! Alexia! E a única mulher por quem você, o mesmo Lancelot, Cavaleiro de Arthur... se apaixonou?! – E gesticulou de um jeito tonto, atrapalhado, com certa zombaria – E para onde foi a tal Guinevere? Segundo reza o mito, esta, sim, foi o maior amor da sua vida... – Confundiu-se, abanando a cabeça e corrigindo – Da vida de Lancelot!

Mas eu já havia assumido o diálogo em primeira pessoa, e agora não poderia nem queria mais recuar. Então expliquei, com naturalidade.

- Guinevere foi um caso... bem exaltado, admito. Mas um caso, do tipo que tive às dezenas naquelas épocas em que alguns costumes eram frouxos! Nisso, o que restou de real da história é fidedigno.

Eu era completa e voluntariamente inconstante no que a isso se relacionava, e não há erro em afirmar que, do início ao fim da vida, quase que apenas tive amantes! Excedendo o que se refere a você...

- Eu?!...- Patrícia agora me encarava quase alarmada – Meu Deus, você vai mesmo insistir nisso?

- Desculpe, *my darling*, mas é a verdade!

- E como posso ter certeza disso aqui, agora?!

- Prestando atenção ao que sente diante de mim... Vendo-me, e ouvindo-me contando estas coisas!

Novamente ela ria. Mas era, ainda, o mesmo riso nervoso, misto de ironia com impaciência.

- Então, Lancelot... *Sir* Lancelot, para ser mais correta... Você se envolveu ao mesmo tempo com a mulher e com a irmã de Arthur?! Você! O principal Cavaleiro da irmandade?! – Ela protestou, mas não pôde continuar, porque, não podendo comigo, voltei a rir com gosto, o que tornou a emudecê-la, chocada.

- Ah, Alexia... Sabe? Você continua a mesma!

- Que história é essa?!

- O que acabou de me dizer! Foi exatamente o que me disse, revoltada, da primeira vez em que consegui vencer a sua resistência e a beijei, quase à força... depois que me virou um sonoro tapa no rosto!...

Patrícia, agora, apenas me olhava, assombrada, boquiaberta.

Cheguei a temer da sua parte alguma reação definitiva de hostilidade contra mim. Mas, afóra a estupefação franca com que me encarava, não fez nada, e eu me decidi a, por ora, somente arrematar aquela explicação, lembrando-me de que já era hora de reunir o grupo de turistas que acompanhava, para dar continuidade ao roteiro daquele dia.

- Patrícia, ouça-me: eu fui um homem volúvel, inconstante! Mas, se conhece algo das lendas de Arthur, esqueça a história das fadas! Nenhuma me amaldiçoou com o fardo eterno da inconstância amorosa! Eu é que fui sedutor e aventureiro, como seria de se esperar de qualquer rude guerreiro sármata daqueles tempos bárbaros! E, absolutamente, não nutri nada por Guinevere que sequer lembre o que hoje se relata sobre o assunto no conteúdo de lendas e narrativas arthurianas! Mas, acredite... eu era capaz de amar. E amei você... profundamente! Só que em meio às instabilidades próprias da época, que acabaram atrapalhando tudo! Agora, venha...

## 4

*A Antiga Arqueira**Por mais que se esforçasse, Patrícia não conseguiu dormir na noite daquele dia.*

Pensou seriamente em pedir junto à agência turística responsável pela excursão uma troca de grupo, ou de guia. Mas não atinou com uma justificativa adequada para apresentar aos intermediários inevitáveis daquela iniciativa, ainda mais no seu inglês sofrível. E viu-se tolhida, encurralada na situação.

Todavia, forçoso confessar, ao menos para si mesma, que o que em verdade a encurralava não eram estes obstáculos de ordem mais prática – mas o que sentia em seu coração, e o que intuía, involuntariamente, sobre o que ouviu de mim.

Assim, manteve-se inerte durante toda a madrugada, e na manhã seguinte vim encontrá-la no *hall* do hotel, para buscá-la no segundo dia em que visitaríamos, dentre outras atrações, uma exibição de arcos e flechas, com estranhas e fatigadas olheiras.

Olhando-a, não pude deixar de me preocupar de imediato.

- Ei, *love*... O que há com você? Está bem? – Quis saber logo, levando-lhe incontinentemente uma das mãos ao rosto empalidecido, e afagando-o.

- Ah... estou! Acho que não dormi bem, só isso!

Notei que a resposta esquiva era, antes, uma tentativa de guardar de mim e da minha preocupação uma certa distância.

Fiz que não notei, limitando-me apenas a dirigir-lhe um olhar cujo brilho refletia uma mistura clara de ternura com ironia, que ela notou, mas fingiu não perceber.

- Está bem... Então me espere aqui. Vou buscar os outros, e já volto...

- Não tenho para onde fugir mesmo... – Ela respondeu, com algum humor, numa tentativa de se manter desanuviada e na esperança de que o dia talvez seguisse de modo diferente, mais condizente com um passeio de turismo normal, longe daqueles assuntos que durante toda a madrugada a atormentaram.

Mas não era possível. E o decorrer da excursão confirmaria isso.

Dali a instantes voltei com o casal em lua de mel, Ashley e Jonahtan. Os outros três, que viajavam juntos, haviam programado coisas diferentes para aquele dia.

Patrícia os cumprimentou reservadamente, com um sorriso retraído. E eu comentei, num tipo de humor provocativo que sempre fora meu atributo, mesmo nos tempos em que convivera com Arthur, e que bem sabia que tinha a capacidade de enlouquecer a antiga Alexia de irritação.

- Bem, vamos? Para segundo dia, quais as expectativas? Vamos a um campo de treinamento de tiro com arco, nas montanhas de Badon Hill. Mas vocês são recém casados, então, preciso aconselhá-los a não comecem nenhuma briga durante este passeio! Não seria seguro, em particular! – Sorria, ante o divertimento do casal; e, inesperadamente, atraí Patrícia com gentileza, abraçando-a, enquanto concluía – Sabem? Houve uma época em que eu e a Patrícia nos encontrávamos às escondidas nestas montanhas, porque o irmão dela era muito severo, apesar de meu amigo! Mas tivemos uma briga durante o encontro. Ela me arrebatou o meu arco pessoal, e quase me tira a vida com uma flechada... por ciúmes, sabem?

Nós rimos.

Mas Patrícia encarou-me com um quase estarcimento, sem querer acreditar no que ouvia.

Vendo-a, assim exaltada, daquele jeito quase ensandecido, o que lhe realçava irresistivelmente a beleza, tive a vontade quase incontida de beijá-la, ali mesmo, à sua revelia. Mas, antes que me decidisse sobre cometer ou não a loucura, e para a minha delícia diante do rubor visível em suas faces, ela desprendeuse com um tranco dos meus braços; e declarou ao jovem casal agora perdido, antes de adiantar-se, rápido, até o veículo que nos aguardava na saída.

- Não levem a mal! Ele é louco!

Quando afinal a seguimos, e eu entrei no carro, onde o motorista já nos aguardava, sentando-me a seu lado e tentando apagar de meu rosto o resto de hilaridade que sentia pela sua reação, ainda a encontrei irritada.

Acabei sentindo pena. Ela parecia uma menina atacada de um acesso de mau humor! Tentei segurar-lhe, disfarçadamente, a mão, mas a arrancou, com um solavanco.

- *My love...*

- Lancelot! Por acaso será que você não é um ator, que volta e meia se aproveita da situação de mulheres que viajam sozinhas para interpretar o seu papel sedutor?! Porque, sendo o caso, você precisa, com urgência, de um psicólogo! – Cochichou, com veemência.

Olhou-me, firme. Mas só encontrou em mim uma combinação de serenidade com a ostensiva paixão que não conseguia mais disfarçar nos meus modos a seu respeito, e a percepção disso, talvez, a tenha convencido melhor do que palavras de que estava enganada.

Ainda assim, respondi.

- Você sabe que não é isso, Patrícia! Não sabe? Acredite! – Falei, procurando abrandar o mais possível o tom da voz, pois reparei que o casal sentado atrás de nós parecia intuir algo do que nos acontecia, rindo-se comedidamente, e tecendo comentários inaudíveis – Nunca falei sobre nada disso com mulher nenhuma! Mas o que você julgou mera provocação e brincadeira há pouco, de fato aconteceu! Algum boato sobre Guinevere alcançou os seus ouvidos! E você, legítima familiar de Arthur, ativa e sempre orgulhosa, reagiu diante de mim de forma horrível por conta disso!

Mas, naquele momento, pelo menos, ainda grandemente perturbada e contrariada, ela se limitou a me medir de cima a baixo, como a um demente, menear, e não dizer mais nada, detendo-se no que acontecia do lado de fora das janelas do carro. E eu procurei cumprir adequadamente o meu papel formal de guia turístico, explanando sobre o percurso que percorreríamos durante todo aquele dia em Badon Hill.



- Se eu lhe fizer uma pergunta, responderá com sinceridade?

- Certamente... – Patrícia, apesar de tudo, me respondeu numa franqueza da qual não poderia duvidar.

- Você é historiadora, não é?

- Como sabe? – Novamente ela se surpreendia.

- E sempre foi admiradora das histórias de Arthur e dos seus Cavaleiros... bem como se sentia atraída, sem saber bem a razão, pelo Reino Unido, sem nunca nesta vida ter vindo aqui!

- S... sim, mas... – Hesitante, agora ela me cobrava com a fisionomia uma explicação para aquele meu súbito surto de clarividência.

Entretanto, não se tratava exatamente disso. E a minha resposta terminou por lançá-la novamente numa confusão de embarço com irritação, detendo-lhe os passos, quando quase já alcançávamos o reservado florestal numa das montanhas frias da lendária Badon Hill, onde turistas tinham a chance de participar de exercícios de tiro com arco e flecha.

- Eu sei bastante sobre você, Patrícia, mas não apenas do seu passado como a irmã mais nova e mais altiva de Arthur! Sei sobre hoje, também. Andei pesquisando-o a seu respeito, e acessei alguns dados interessantes!

Quando ela já ia precipitar uma sequência enfática de perguntas e protestos, enquanto eu ria com divertimento, contudo, tive que me interromper para cumprimentar um dos treinadores do campo, e meu amigo que se acercava, recebendo-nos.

Fora ele, Peter, quem me treinara no meu próprio curso como arqueiro – reacendendo-me importantes reminiscências daquela arte – anos antes. E foi logo dirigindo a Patrícia um comentário bem-humorado que, uma vez traduzido por mim nos termos que ela não compreendeu, deixou-a um tanto sem ação.

- Muito prazer, e seja bem-vinda, Patrícia! Veio bem acompanhada, do melhor professor possível para lhe dar noções básicas de tiro com arco! Além de guia turístico, ele se formou aqui, comigo... e além do mais, se chama Lancelot! – Riu sugestivamente, brincando.

Ao que, após aquela pausa inerte, Patrícia esboçou um sorriso tonto, perdido.

- É, não é?...

Deixei-a um pouco naquela atitude para apresentar o casal que trazia. Depois, voltei com um arco apropriado, entregando-o, com um sorriso.

- Olhe! Não é bonito? Quer tentar?

Ela enfim se arrancou das impressões atrapalhadas experimentadas naquela sequência de cenas insólitas para me responder, entre aérea e esquivada.

- Imagine! Não faço a menor ideia de como se segura isto!

- Você é que pensa!... – Devolvi, com nova dubiedade, mas agora um tanto retraída Patrícia somente relanceou em mim um olhar de esguelha, desistindo de me perguntar mais uma vez o que eu queria dizer com aquela outra declaração sem sentido, dentre as muitas que eu vinha lhe fazendo desde que chegara.

Entretanto, em vez de explicar qualquer coisa, coloquei-me atrás dela. Pedi que segurasse o arco de um determinado modo, ao que me obedeceu quase mecanicamente, embora com perfeição, e de dentro de um instinto aguçado admirável.

Senti-a tensa com a minha proximidade. Sobrepus nas delas as minhas mãos, enverguei o arco, encaixando nele a flecha da maneira apropriada. Ao fazê-lo, tive a impressão de senti-la ligeiramente trêmula, encostada de encontro a mim, não exatamente pelo frio incômodo que fazia naquela parte alta da colina.

- Mantenha retido um pouco, Patrícia... exatamente neste ângulo! – Instruí-lhe, rente ao seu ouvido.

Aquilo já seria suficiente para desconcentrá-la. Mas não resisti, e, a pretexto de ajeitar-lhe melhor a postura, segurei-a ternamente na cintura, deslizando-lhe de leve as mãos pelos quadris. O que a abalou como se houvesse tomado um choque.

- Entendi! Entendi, Lancelot, mas por favor, não me toque deste jeito! – Ela exclamou de supetão, o que, ao mesmo tempo em que me deliciou, encheu-me de uma hilaridade que somente a custo contive.

Aparentemente por estar ansiosa para se desincumbir daquele episódio embaraçoso que eu praticamente lhe impus, ela tornou a reclinar o arco no ângulo, retesando-o, como lhe explicara.

Eu a observei um pouco, sem poder esconder o encantamento pelo modo como, nela, a habilidade ressurgia, natural. Todavia, metade por divertimento, metade por não poder mais conter meus impulsos naquele sentido, justo no ponto em que ela iria atirar, tornei a me aproximar, de mansinho, e a abraçá-la de leve, pela cintura. Ela outra vez se assustou, e atirou a flecha, quase sem querer, por reflexo, ao mesmo tempo em que me dava um empurrão, justo quando dei-lhe ligeiro beijo no rosto, por detrás.

Encarou-me, entre irritada e atônita, e depois olhou a esmo para o alvo, lá na frente.

Havia acertado o centro, em cheio!

- Fui eu quem lhe ensinou naquele tempo, *milady*... Lancelot... Mestre de armas de Arthur!...

## 5

*Recordando*

- *Escute, Patrícia. Eu entendo que você deve ter muitas dúvidas*, perguntas sobre o que venho falando e fazendo a seu respeito... – Disse a ela, ao final daquele dia, quando a deixei de volta no hotel. Mas agora Patrícia apenas me olhava, desconfiada.

Via com clareza na integridade inerente aos seus modos que se sentia completamente perdida sobre como reagir a mim e às minhas palavras, ali, naquele país frio e distante. Talvez julgasse mais acertado agora ficar quieta, tentar formalizar o mais possível a nossa convivência até o fim da sua estadia de três semanas.

Mas eu não permitiria que isto acontecesse. Assim, dirigindo-lhe um sorriso quase carinhoso, expliquei, sugestivamente:

- Sabe? Tenho um roteiro turístico a cumprir com vocês. E durante o meu trabalho eu não posso... Não sou autorizado a convidar ninguém para sair... Mas posso ser convidado... – Sugeri – Entendeu?

Entreolhamo-nos um pouco. Patrícia ainda em silêncio, escutando-me de dentro de um certo aturdimento, para depois responder, talvez mais para romper aquele impasse e dizer alguma coisa.

- Entendi...

- Nós precisamos conversar, *my love!* – Eu ainda lhe sorria, afável, olhando-a bem de perto, para falar com um nível de intimidade suficiente a me abafar devidamente as palavras. Havia por ali colegas meus da empresa, trazendo ou buscando turistas; e eu não confiava o suficiente em alguns deles – Não acha? Por que não me convida para ir a algum *pub*?

Agora eu ria com certo divertimento e, para a minha surpresa, ela me acompanhou, embora contida.

Tinha um humor vívido, adorável, como a antiga Alexia. Só estava um pouco assustada, e eu precisava levá-la a confiar em mim, apesar das aparências insólitas da situação, pois sabia, já havia notado que eu não era indiferente a ela. E nem poderia ser.

- *Pub?* Eu?! Não conheço nada daqui, Lancelot!

- Eu sei! Estou brincando. Na verdade, eu a levaria amanhã a um lugar que seria interessante para nós dois.

Notei que aquele brilho inseguro voltara, de passagem, aos olhos dela ouvindo aquilo. Mas, surpreendendo-me novamente, apesar de tudo concordou, mais rápido do que eu esperaria. Talvez tivesse ficado curiosa, era possível, e, depois de breve pausa me analisando o modo disfarçadamente apaixonado com que a fixava, respondeu:

- Está bem, *Sir Lancelot!* Eu lhe convido para o tal *pub!* Afinal, o dia, amanhã, é livre, e eu não saberia o que ficar fazendo aqui! Mas, que lugar é este para onde me levará?

Não resisti. Alargando para ela um sorriso sincero e satisfeito com aquela acolhida fácil ao meu convite, declarei, reticente, mas olhando antes em volta. Naquele momento, estávamos sozinhos num ângulo do *hall*.

- A um lugar que nós dois conhecemos muito bem, há séculos! – Cochichei-lhe.

E inclinei-me, antes que ela respondesse ou fizesse alguma coisa. Levei-lhe as mãos aos cabelos, atraindo-a pela nuca, e beijei-a rapidamente nos lábios.

Depois saí.

- Amanhã, às oito horas, lhe busco!...



Era a primeira vez que ela consentia em tomar a iniciativa de falar naquele assunto, embora a entonação da voz evidenciasse que o fazia como que compartilhando conscientemente com os devaneios de um lunático.

Havia levado Patrícia, de maneira intencional, para setores turísticos da Grã-Bretanha denominados hoje como “os caminhos de Robin Hood”. Porque havíamos vivido, muitos séculos antes e exatamente lá, naquelas montanhas frias e exuberantes, momentos marcantes para nós dois.

- Você falou em “irmã de Arthur”: Alexia... não foi? E para onde foi a tal Morgana? Que eu saiba, foi a verdadeira irmã de Arthur... – E, relanceando em mim um olhar algo malicioso, que me diverti muito secretamente – E, segundo outros, foi mais uma mulher com quem você se envolveu! Só falta você me dizer, agora, que na verdade *eu* fui aquela Morgana!

Olhei um pouco para Patrícia, metida naqueles agasalhos pesados sem conseguir se sentir à vontade com o frio intenso daquela época do ano no Reino Unido.

- Você está mesmo sofrendo com a temperatura, não é? – Perguntei, desviando-me um pouco do que havia falado.

- Sou de um país onde, no verão, a temperatura atinge fácil os 43 ou 44 graus! Eis mais uma razão, penso, para ser impossível ter vivido aqui nalguma época! Eu odeio o frio!

- É exatamente por isso que você viveu! Conhece os sofrimentos de ter que se conviver com nevascas e temperaturas negativas! – E aproximando-me com gentileza, a atraí, abraçando-a, na intenção sincera de aquecê-la – Deixe de ser desconfiada e teimosa! – Acrescentei, quando ela na mesma hora quis se desvencilhar.

O frio para ela, no entanto, era tão incômodo, que enfim não resistiu mais, para o meu contentamento.

A estreitei, prazerosamente, e me aproveitei para distraí-la daquilo, começando a responder à sua pergunta de antes, omitindo, porém, certos detalhes.

- Morgana era, de fato, irmã de Arthur... e seu nome era Alexia! – Comentei, com dubiedade, o que fez Patrícia olhar para mim de novo com a mesma expressão tonta das outras vezes.

- Hem? Como assim?! – E como eu apenas sorrisse da sua reação, de início – Afinal, Lancelot, quem de fato existiu e não existiu nesta história? – Vendo que eu ainda e apenas silenciava, observando-a, quis argumentar a mais – Você tem que considerar que é forte eu vir aqui, numa inocente viagem de turismo, para sem mais nem menos ter que ficar ouvindo o tempo todo que o meu guia foi Lancelot, o Cavaleiro, e eu, a irmã do rei Arthur! Pense nisso, antes de ficar se divertindo com as minhas perplexidades!

- Eu sei, *milady!* Eu sei! – Respondi logo, tentando amenizar o mal-estar que sentia, mas ela me interrompeu com outra pergunta inesperada, que aparentemente nada tinha que ver com o que falávamos.

- Você é casado?

Encarei-a, surpreso. Talvez fosse o fato de retê-la abraçada comigo enquanto passeávamos pelo bosque ainda deserto àquelas horas a razão da pergunta, era possível.

- Não, Patrícia.

- Nunca foi?

- Uma vez... vivi com alguém, mas deu errado. Claro. – E acrescentei a observação, natural para mim, mas provocativa para ela, que preferiu ignorá-la num primeiro momento – Estou há uns quatorze ou quinze séculos esperando por você! Claro que nada, neste sentido, daria muito certo para mim! – E caçoando – O feitiço das fadas vem fazendo efeito até hoje!

- E filhos? – Ela parecia um tanto irritada agora – Você os tem?

- Não, Alexia! – Devolvi, e a ironia terna ainda era clara no modo como a olhava.

- Por favor, me chame pelo meu nome!

Consenti, e voltei ao que conversávamos antes.

- Arthur existiu. Foi o maior guerreiro bretão de todos os tempos. Também eu, e alguns dos Cavaleiros. Guinevere e Morgana. Mas quase ninguém foi como a lenda conta. Há somente, hoje, uma pálida sombra de tudo!

- E a Távola?

- Era o modo nobre de Arthur perceber a vida!

- E como poderia você, um antigo Cavaleiro, o principal de Arthur, como penso, ser, hoje, um guia turístico, e não um militar britânico?

- E para quê? Com qual objetivo? – Objetei, passeando o olhar nos cenários em volta onde enxergava, fugidias, as cenas de batalhas de um passado perdido. – Os tempos de honra e dignidade, como eu entendia na irmandade de Arthur e nas artes cavaleirescas, e como sempre deveria ser, se foram, *milady!* – E encarei-a, enfim mais sério – Hoje não há mais nada! Como guia turístico, pelo menos percorro o mundo, mais ou menos como fazia naquela época! – Voltei a sorrir – De vez em quando, reconheço alguém por aí, por debaixo dos rostos e personalidades atuais!...

- Quem? Alguém atualmente?

- Atualmente, *ocê!* – Reafirmei, de propósito, arrancando dela um muxoxo impaciente.

- Já sei! E quem mais?

- Outro dia dei com Bohrs, um primo afastado daqueles tempos e também Cavaleiro! Era um menino hiperativo, enlouquecendo a mãe de cansaço numa calçada do comércio de Londres!

A lembrança me arrancou uma gargalhada, e Patrícia não pôde evitar rir junto.

- Mas como poderia a vida correr para você deste jeito?! É vasta demais, Lancelot! Gente demais! Como você suportaria o volume de pessoas e de lembranças?! Você se recorda de todos os séculos, de lá para cá?

- Oh, não, *love!* – Surpreendi-me da ideia equivocada que ela fazia da situação – Recordo-me da vida vivida com você, quando era um sármata e Cavaleiro de Arthur! Mas nem mesmo entendo a razão de me lembrar mais desta do que das demais vidas, das quais só me vêm *flashes!*

Ouvindo aquilo, Patrícia silenciou, pensativa. E assim nos mantivemos por vários instantes, apenas caminhando e contemplando a paisagem, sob as aragens frias e perfumadas da manhã.

Quando atingimos uma reentrância relvada da parte mais alta dos bosques, a detive, segurando-a, sem deixar que se libertasse. Encarei a sua fisionomia entre constrangida e interrogativa e comentei:

- Este lugar, aqui, não lhe recorda nada?...



## 6

*Atração Mútua*

*Percebi Patrícia percorrendo o olhar nas extensões imensas e silenciosas* daquelas montanhas e bosques frios e varridos pelos ventos.

Num primeiro instante não respondeu nada. Aparentava se ver presa de um mundo de dúvidas e hesitações. Mas, a cabo de alguns momentos, comentou a esmo, como se falando mais para si mesma:

- Tenho um certo receio de estar aqui...

- Medo de mim? – Fiz por onde brincar um pouco, na intenção de descontraí-la, porque era sincero o seu sentimento, e evidente o estado tenso no qual se reconhecia, ali, naquele lugar ermo e sozinha comigo, alguém que com justiça ainda lhe comparecia como um desconhecido, e dos mais peculiares!

Ela, enfim, relanceou em mim os belos olhos velados por receios, querendo denotar uma segurança que não sentia.

Era, ainda, a irmã altiva e precavida de Arthur, a quem eu voluntariamente me via preso amorosamente, apesar da passagem extensa de todos aqueles séculos!

- Não. Não é medo de você! – Sorria de leve. Mas era um sorriso nervoso. – Não creio que um guia turístico de Londres seria insano o bastante para me atrair até aqui e me atacar! – Ironizou um pouco – Ainda mais um chamado Lancelot! Você deve honrar o seu nome, não?

- Mais do que você pensa! – Correspondi-lhe ao humor, aceitando o diálogo, que fiz por onde desenvolver para explicar outras coisas – Mas o que você teme, então?

Novamente ela se calou, presa de incertezas e fitando-me, sem conseguir sustentar o meu olhar; no entanto, eu me recostara num batente de rocha da clareira pequena onde nos achávamos, sem largá-la, ainda abraçando-a e atraindo-a contra mim, o que ao mesmo tempo em que a enervava a obrigava a me encarar, contra a sua vontade, embora não oferecesse esforço visível para me distanciar.

Era aparente para mim que Patrícia se debatia entre dois sentimentos: a atração forte que eu lhe exercia, e à qual não conseguia resistir, e o receio das coisas insólitas que lhe revelava.

Como ela se demorasse sem conseguir dizer nada, resolvi expor, por ela, os seus pensamentos.

- Você teme que apareça alguém aqui e nos veja, assim, juntos... Que Arthur apareça... Não é?

Tive pena. Ela me encarou fixamente, entre espantada e perturbada do que ouviu.

- O quê?! Que está dizendo?!...

- Quando afinal venci a sua resistência em assumir o que sentia por mim, naquela época... porque você era *muito* teimosa, e me dava um enorme trabalho... – Frisei, sorrindo-lhe carinhosamente para amenizar o choque do teor do que lhe contava – era aqui que sempre nos reencontrávamos, Patrícia, quando eu voltava de batalhas e missões com o seu irmão e os Cavaleiros! É impressionante como quase nada mudou por aqui! – Pausei, percorrendo um pouco, prazeroso, os olhos em volta, no ambiente aromático que nos cercava;

depois, examinei a sua expressão perdida. Mas acabei não resistindo em arrematar – Foi bem aqui, neste lugar belo e oculto do bosque, que a tive pela primeira vez! Mas você sempre relutava, e, como disse, me dava muito trabalho, Alexia! – E agora eu ria abertamente – Por causa das ideias desencontradas de que não se desfazia sobre Guinevere! Eu ainda quero voltar aqui com você, muitas vezes!

- Mas afinal, é ou não é verdade o que se conta sobre você e Guinevere?!

Não me aguentei e agora ri com vontade da irritação que ela não conseguiu excluir do tom da pergunta.

- Já lhe disse que não! Meu Deus! Guinevere foi só uma das muitas mulheres que eu tive! E este fato sem importância só ganhou esta proporção porque ela foi mulher de Arthur!

- Belo amigo você foi, não?! – Ela rebateu, e eu a fixei, deliciado com o ciúme misturado à indignação que ela exibía sempre que tocávamos naquele pormenor, sem se preocupar mais em disfarçar.

Por um momento, e sem perceber, ela havia reassumido inteiramente a sua personalidade daquele passado. E eu, não resistindo, e antes que ela pudesse se desvencilhar, a atraí e a beijei na boca, intensa e prolongadamente, a despeito das suas tentativas irritadas de me empurrar no início.

- Lancelot! Não zombe de mim! – Ela afinal exclamou, rubra como um tomate, quando enfim permiti que se distanciasse um pouco.

- Não estou zombando! Suas reações são as mesmas da antiga Alexia, Patrícia, e você deve compreender o quanto que isto me fascina! – E tentei explicar, para tentar dar um fim à confusão de ideias que ela demonstrava sobre aquele assunto que, estava visto, a afligia grandemente – Eu não traí Arthur, “irmã zelosa”! O que houve entre mim e Guinevere foi anterior à união deles! O povo se apoderou da história, mais tarde! Teceu suas falsas convicções sobre a manutenção do caso, e foi esta a substância da lenda! Romântica, como toda lenda; cheia de exageros e dados inexistentes, e que nada fala de você e de nós dois, porque, como irmã de Arthur, você foi guindada a uma quase divindade que eu, como Cavaleiro, deveria honrar e respeitar, sem alardear o nosso envolvimento!

- A irmã de Arthur era Morgana!

- A irmã de Arthur era *você!* – Teimeei, encarando-a, firme.

Patrícia franziu rudemente o cenho, confundida.

- A tal Alexia?! Do que você está falando?

- “A tal Alexia”, não! **Você!** – Enfatizei, retendo-lhe o olhar amolado preso no meu.

Mas o modo apaixonado com que a olhava e afirmava aquelas coisas, de outro lado, não deixava com que ela levasse devidamente a sério o que eu dizia. Persistia em Patrícia a impressão incômoda de que talvez eu fosse um sedutor exótico de turistas desacompanhadas. Assim, tentou mudar bruscamente o rumo do assunto.

- E os outros Cavaleiros? Quais existiram, e quais não?

- Perca este medo de mim, Patrícia! Eu nunca faria mal a você! Sou apaixonado por você há séculos! – Eu ainda ria, mas falava agora com seriedade, fazendo-lhe aquela confissão súbita que não pude mais conter.

Depois, ante a sua inércia e aturdimento, mas sem poder soltá-la, consenti em lhe atender àquela última curiosidade, na verdade vazia de sentido, porque estava visto que ela não conseguia ainda acreditar na veracidade daquelas coisas – Está bem... Vamos lá! – Suspirei, vasculhando de entre as névoas do passado aquelas recordações antigas – Galahad existiu! Bohrs existiu, e também Tristan! Mas, das nossas origens, quase veracidade nenhuma sobrou no que contam em filmes, livros e lendas! O dado mais exato é que éramos sármatas! Nem, também, há nada fiel sobre os destinos de cada um de nós! Eu, por exemplo, não morri de desgosto num castelo por causa de Guinevere! No final da minha vida nem me dava mais conta do paradeiro dela, e ainda era fiel à ligação amorosa sustentada com você!

- Mas nós não nos casamos?

Achei a pergunta adorável, e o modo desarmado como desprevenidamente ela a fez. Atraí-a mais, e tornei a beijá-la na boca com fervor, sob a ameaça de um tapa.

- Não na concepção formal do que se entendia como casamento! Mas nos mantivemos sempre ligados... E você chegou a ter dois filhos meus. Perdeu um, no parto. E o outro também se tornou um Cavaleiro, mais tarde!

Ela demonstrou renovada surpresa com o que ouvia.

- Qual foi o nome dele? É mencionado nas lendas, ou dados históricos?

- Não. Demos o nome de Uther, em homenagem ao avô falecido. Mas o nome e a atuação dele se perderam em meio às dezenas de nomes e dados relacionados àqueles tempos, até porque, Cavaleiros, existiram muitos! E dada a particularidade homônima, ninguém se fixou neste Uther, e sim no mais relevante: no pai de Arthur!

- E você morreu, afinal, do que?

- De velhice, de doença. Como acontece com muita gente! Só que, naqueles tempos, velhice correspondia a uma faixa etária que dificilmente ia muito além dos 40 ou 45 anos! A idade que tenho hoje! – Concluí, com certo divertimento, mas notei que aquilo a surpreendeu um pouco.

- Você?! Tem 45 anos?!...

Concordei. Mas sabia, de comentários já ouvidos muitas vezes, que a jovialidade inerente ao meu temperamento me conferia ao aspecto idade bem abaixo disso – o que me envaidecia, de certa forma.

Olhamo-nos mais um pouco, de bem perto. Meu ímpeto, ante a sua progressiva anuência, era o de beijá-la e possuí-la impetuosamente, saciando o sentimento apaixonado que de há séculos já existia entre nós, e que nela redespertava e crescia, visivelmente. Mas percebi que, ante aquele último comentário descontraído, ela me encarava de um jeito veladamente embevecido, e não quis perturbar aquele instante com alguma precipitação.

- Você não percebe que, da minha ótica, é difícil... quase impossível acreditar de maneira incondicional nas coisas que está me dizendo? – Patrícia enfim replicou, embora na entonação mais insegura possível.

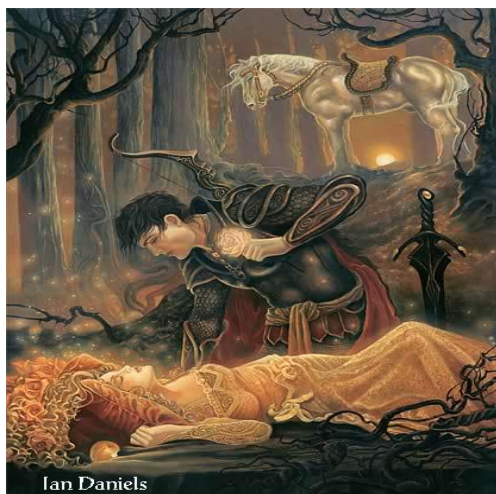
- Você fala uma coisa e sente outra! – Respondi – O seu olhar me conta, Alexia... como me contou sempre, naqueles tempos! Você não acredita no que eu falo, e sim no que eu vejo, claramente, que sente!...

Mas como agora ela se detivesse, inerte, porque era íntegra demais para negar aquela verdade, mesmo a pretexto de auto defesa, cedi a novo impulso, beijando-a outra vez, com fervor; então, durante breve instante ela me abraçou, entregue. E a teria reclinado no rochedo onde nos apoiávamos, e amado ali mesmo, se não tornasse a ser contido, com um empurrão relutante, para a minha quase impaciência.

Aquilo não serviu para desprendê-la, contudo, até por ser visível nas suas reações o intenso embate íntimo no qual se consumia. E eu me aproveitei daquela parcial rendição nos seus modos para, estreitando-a contra mim, contar algo a mais, por entre beijos e carícias que ali, naquela situação, eu não conseguia mais conter.

- Você sabe? Uma vez Arthur, que conhecia os nossos sentimentos um pelo outro, me advertiu de que o homem que a viesse amar e possuir teria como obrigação de Cavaleiro amá-la como você merecia... E eu sabia que, pelo menos naquele período, e no que me dizia respeito, eu só conseguiria fazer isto à distância na maior parte do tempo, e mesmo quando estivéssemos mais próximos, por causa das missões ininterruptas para Roma e das batalhas contra os saxões! – Meneei para ela, fascinado pelo que vivíamos naquela hora e ali, a sós, no recanto que no passado testemunhara de nós tantos momentos ardentes de amor, e que, ainda hoje, em quase nada mudara – Agora não precisa mais ser assim, Patrícia! A vida está nos oferecendo a oportunidade, e eu posso cumprir a palavra que dei a você e a Arthur!...

- Que quer dizer? – Ela perguntou, agora tímida, quase atordoada.

*Após Dezesesseis Séculos*

*Meia hora depois, ainda nos achávamos no mesmo lugar. Agora abraçados e reclinados no declive relvado da colina.*

Eu não havia me contido, e acabei vencendo a sua resistência e tendo-a, intensa e ardorosamente, durante longos instantes aos quais ela terminou se rendendo, entregue.

- Você narra todas estas coisas com uma riqueza de detalhes tão impressionante que me deixa sem saber o que pensar! Precitaria que fosse muito engenhoso, e também um louco... um autêntico farsante, no caso de nada disso ser real...

Patrícia de repente largou este comentário em estado reflexivo, mais como se afirmando para si mesma.

Encarreguei-me de trazer seus pensamentos para o lugar onde estávamos.

- Mas você sabe que não é este o caso! – Respondi, compartilhando com ela, prazerosamente, do frescor frio daqueles bosques, que vinha aplacar o suor úmido dos minutos intensos por nós vividos há pouco.

Descansamos nos braços um do outro um pouco mais e ela criou coragem para perguntar de novo sobre aquele pormenor que, estava visto, a perturbava em especial.

- Afinal de contas, Arthur tinha duas irmãs?...

Foi a minha vez de silenciar, hesitando. Aquilo se referia a um ponto obscuro e enigmático daquele passado, que eu não julgava necessariamente adequado para ser revelado a ela, com a memória temporariamente obstruída, como se achava, e, de certa forma, já liberta das agruras e torpezas vividas naqueles tempos, que não precisavam mais ser revividas, mesmo através de lembranças.

- Patrícia, deixe que eu lhe explique uma coisa: - Pedi, reclinando-me um pouco a seu lado – Aqueles foram tempos pagãos, de poucos ou nenhum dos valores morais, como os conhecemos hoje, prevalecendo! – Meneei novamente, para sua clara surpresa agora, e de fato, sério – Houve uma vez... Bem... – Tentei me revestir de inspiração para pronunciar as palavras certas, de maneira a não confundi-la ainda mais, em lugar de esclarecê-la – Nós nos amávamos! Mas, certa vez, quando retornamos de um período turbulento de batalhas, falando abertamente comigo, você me disse, para a minha estranheza, que os deuses não nos reservavam um futuro juntos! Ficou claro para mim um impedimento entre nós dois, desconhecido de Arthur, e que a aterrorizava... Ainda lhe detalharei melhor este episódio; você era explorada, dominada por um indivíduo. Um poderoso inimigo nosso, a que você se submetia para proteger o seu irmão!

Agora um tanto assustada, ela me esquadrinhava a fisionomia.

- Lancelot! O que tem a ver isto com o que lhe perguntei?! Que coisa horrível, o que está me dizendo!

Afaguei-lhe o rosto empalidecido, com paixão e ternura.

- Há uma correlação! Mas não vou lhe contar; não em pormenores, não julgo necessário, *my love!* Confie em mim! Há detalhes do passado que devem ficar lá atrás, sepultados, para sempre!...

Entreolhamo-nos. Mas, na fisionomia dela, as dúvidas ainda eram muitas, e nítidas.

- Tempos pagãos, você diz... E no que acredita hoje, *Sir Lancelot?* – Para a minha surpresa, ou talvez ela mesma temerosa de sustentar aquele assunto que claramente a assustava, levou-me a mão delicada ao rosto, afagando-o, com suave ironia – Era, segunda a lenda, o mais cético... Talvez o mais pagão dos Cavaleiros de Arthur... o que foi criado por “fadas”... – E sorria-me – Em que você crê hoje?

Devolvi-lhe o sorriso adorável.

- Continuo acreditando no que vejo, *milady.* – Respondi, com certa dubiedade – E, como hoje vejo, em mim e na minha experiência, que temos a vida eterna, em muitas vidas sucessivas, creio no que disse o Cristo! Mas não no que muitos dizem que Ele disse e fez!...

Para o meu encanto, o sorriso dela se expandiu. Agora, visivelmente apaixonado.

- Você também continua o mesmo, *milord!*

Atraiu-me a si. E, inesperadamente, foi ela quem beijou-me prolongadamente nos lábios.

Desafogado, entregue, enfim por inteiro, ao que sentíamos, voltei a abraçá-la com ardência. E durante um longo intervalo daquela manhã fresca e silenciosa dos bosques perdemo-nos do tempo, amando-nos intensamente no relvado perfumado da colina sombreada por bosques.

E nem Arthur, ou ninguém mais, ousaria, agora, aparecer e nos interromper, ou nos perturbar no nosso remoto céu particular...

## 8

*O Eterno Cavaleiro*

*Retomados os laços dos nossos sentimentos*, para meu deleite mantidos intactos também no íntimo de Patrícia até os tempos atuais, passei às conjecturas sobre o modo como a convenceria de se transferir definitivamente para o Reino Unido, como parte e arremate coerente do resgate do nosso envolvimento.

Estava decidido a convencê-la. Não poderia deixar escapar a oportunidade, pois era forçoso reconhecer que ela apenas comparecia, naquele caso, com a confiança no que eu lhe dizia, sedimentada no sentimento forte que recomeçava a alimentar por mim. Era diferente do meu caso, porque eu possuía a meu favor a bagagem de lembranças daquele passado extenso, para justificar a forma obcecada com que agora queria retê-la junto de mim definitivamente e a todo custo.

- O modo mais fácil é casando-se comigo... Tenho que lhe dizer isso, embora sabendo que, provavelmente, e de novo, você vai me olhar com desconfiança, como se encarando um louco! – Comentei, sem poder deixar de sorrir do que lhe dizia. Mas outra vez Patrícia devolveu um comentário que evidenciava o tanto que o seu inconsciente reagia com fidelidade, espelhando certos conflitos íntimos do seu passado.

- Casar com você?! Conhecendo-o há menos de duas semanas?!

E desta vez foi ela a largar uma gargalhada, embora mais por aturimento do que por qualquer outra razão lógica.

- Você me conhece há mais de dezesseis séculos, Alexia! – Respondi-lhe, por minha vez, com tranquilidade e segurança do que planejava a nosso respeito; mas foi neste ponto que ela respondeu, olhando-me, entre mais séria e incerta sobre o que pensar do que eu lhe propunha.

- Sim. E então eu volto rapidamente ao Brasil para apanhar as minhas coisas e tratar desta transferência... E vai que, enquanto isso, outra turista chega, e você reconhece nela a Guinevere?!

Suspirei, tomando fôlego e espriando o olhar pelos arredores do *hall* do hotel onde eu enfim a trazia de volta do dia inesquecível que havíamos vivido juntos.

Era uma obsessão oculta em seu espírito, que agora ela externava como uma brincadeira, mas que refletia um eco de seu passado cujas raízes longínquas eu compreendia muito bem. Por isso mesmo, deveria conduzir aquele pormenor com cautela, como vinha agindo em relação a outros relacionados ao nosso passado.

Eu lhe dissera a mais íntegra verdade, ao lhe assegurar que não amara Guinevere, em nenhuma hipótese, como as lendas e histórias atuais queriam fazer crer; mas não no que se referia à época em que aquele caso espúrio aconteceu.

De fato, não agira corretamente com Arthur naquele sentido, e só me desfizera do envolvimento leviano quando conquistei definitivamente o coração da que de fato me interessava durante todo o tempo: a altiva e orgulhosa Alexia! Mas não havia necessidade nem utilidade, ali, e no momento presente, de lhe expor, aliás de forma pouco cavalheiresca, aquele pormenor obscuro, e hoje sem importância, daqueles acontecimentos. Pois só serviria para aborrecê-la e, talvez, atrapalhar a retomada plena do nosso envolvimento. Assim, reafirmei, vendo-me na necessidade de, mais uma vez, não ser inteiramente honesto:

- Isto não vai acontecer! Já lhe disse, nunca amei Guinevere, *milady!* – Assegurei, abraçando-a – Você apareceu na minha vida em situação que apagou por completo o interesse banal, frívolo, que experimentei por ela, antes que se ligasse a Arthur!

Ouvindo isso, Patrícia, olhando-me muito, apenas torceu de leve a boca. E eu daria tudo para adivinhar o que aquele trejeito significaria. No entanto, fazia uma ideia mais ou menos acertada.

Retomávamos intensamente um romance que em verdade nunca desaparecera do nosso universo emocional, no que se referia ao que sentíamos um pelo outro. E Patrícia, a anterior Alexia, a despeito de toda a altivez digna do seu temperamento, quanto a isso se sentia insegura, do mesmo jeito como se sentira naqueles tempos recuados.

Reconhecia, diante de si, com os olhos do espírito, o Cavaleiro audacioso e íntegro no que lhe sentia; mas também, adormecido por detrás do meu temperamento de homem atual, o aventureiro ousado, impulsivo, e frequentemente irrefletido em inúmeras situações que, naquela época, só lhe chegavam ao conhecimento enciumado através das tagarelices das mulheres das suas relações – embora, preciso que se diga, nem sempre fiéis à realidade, dado o código de honra rígido que Arthur impunha aos componentes de sua Irmandade e, em especial, a mim, seu primeiro Cavaleiro, que sabia envolvido amorosamente com a sua irmã caçula e diletta.

Como ela se mantivesse naquele silêncio persistente, podendo estar pensando muitas coisas sobre o que ouviu de mim, fiz por onde, com carinho e palavras amorosas que talvez lhe dissessem mais ao coração e ao espírito do que qualquer argumentação que pretendesse lógica, apaziguar lhe a confusão de sentimentos, receios e dúvidas que experimentava acerca da nossa situação.

Atraí-a mais, abraçando-a estreitamente. Beijei-a na boca com paixão, e, retendo-a ainda, cochichei-lhe no ouvido, antes de afinal me despedir até a hora em que a buscaria no dia seguinte para a continuidade da excursão.

- Ouça algo que preciso lhe confessar de uma vez, Alexia: *você* foi a fada real que me lançou o tal feitiço, e me condenou a não conseguir amar seriamente mulher nenhuma... a não ser você! E sou condenado aos efeitos disso até hoje... *voluntariamente!*...

E, ante o seu semblante inerte, hipnotizado, afaguei-lhe afavelmente o rosto, sorrindo-lhe, embora com seriedade o suficiente para levá-la a crer – depois, enfim saí, afastando-me.

## 9

*Quando Tudo Começou*

- *Eu queria tanto que você também se recordasse...*

- Do que, ‘*milord*’? – Patrícia perguntou-me, abraçando-me por trás na garupa de um belo corcel negro no qual eu a conduzia a um passeio a sós por outros bosques aprazíveis, após o período de excursão normal, pois combináramos de passar aquela noite juntos.

Apreciava a entonação enfim apaixonada com que se dirigia a mim naquele momento, e, entrelaçando-lhe carinhosamente uma das mãos, beijei-a, e expliquei, mergulhado em lembranças:

- Do começo de tudo... Daqueles tempos...

- Bem, então, me conte! – Pediu, surpreendendo-me de novo, apesar de tudo, e levando-me a hesitar um pouco com incerteza.

- Quer mesmo saber?...

- Quero, conte-me!...

Dei nova pausa, coordenando ideias rapidamente antes de começar, porque precisava selecionar o que seria saudável contar a ela ou não.

- Nós tínhamos terminado de voltar de uma das batalhas contra os saxões, eu, Arthur e os outros. Fazia anos que não a víamos, pois você ficou aos cuidados de uma certa dama chamada Prachna. E a lembrança que me ficara a seu respeito era a da menina ainda pequena... linda! A quem eu estimara sinceramente, nos tempos em que éramos livres, antes do Império nos recrutar como guerreiros de Roma! Então, durante a primeira refeição após nossa chegada, Prachna, talvez de caso pensado e antes que Arthur pudesse indagar do seu paradeiro, a colocou servindo-nos à mesa, misturada às demais mulheres!

Muito interessada, para o meu gosto, parecendo uma jovem embevecida, ainda nos dias de hoje, por um conto de fadas, ela pediu:

- Continue! Vamos!...

Atendi, sorrindo do seu entusiasmo.

- Bem... Enquanto ceávamos, bem que relanceei, interessado, os olhos naquela linda jovem, algo altaneira e petulante, circulando entre nós! Tinha a impressão da familiaridade inexplicável em relação a ela, mas não podia ter certeza! E, quando ela parou ao meu lado, pronunciando um doce e adorável, ‘*milord*’ e servindo-me vinho e hidro mel, notei também, intrigado, que aparentemente me sondava, contendo um sorriso preso que tinha algo de irônico, assim como fez com Arthur!

- Ele, porém,... – Continuei, quando o silêncio de Patrícia me induziu a continuar – jamais se enganaria a respeito da própria irmã! Vi que tinha os olhos presos na jovem, sem poder desviá-los, até que surgiu Prachna, disposta a, enfim, acabar com o embaraço, na mesma hora em que ele se pôs de pé, e o acompanhamos, levantando.

- Não reconhece mais Alexia, sua própria irmã, ‘*milord*’? – A senhora perguntou, com um sorriso respeitoso por sob o véu à moda de freira.

E então tive certeza, paralisado na mesma hora pelo fascínio e pela surpresa!

Você, por sua vez, abriu um sorriso largo e adorável diante da grande satisfação de Arthur, que logo a recolheu nos braços.

Naquele ponto, Patrícia quis outra vez me chatear um pouco, batendo naquela mesma tecla da qual não podia se desviar por muito tempo.



- E Morgan? Onde ela estava?...

Detive o trote lento do animal que montávamos, especialmente para virar-me e deitar-lhe um olhar entre amoroso e repreensivo, ao que ela se encolheu com um sorriso tão travesso quanto os que volta e meia me dirigia a vivaz Alexia de outrora. Aquilo interrompeu na mesma hora o meu aborrecimento, no estado de paixão intensa no qual me via mergulhado.

Atraí-a, beijei-a longamente na boca, e, preferindo ignorar a provocação, continuei:

- Arthur mostrou-se satisfeitíssimo por ver a irmã diletta tão bem cuidada! Mal sabia ele que brevemente descobriria coisas outras, que andavam acontecendo sem o seu conhecimento, e que faziam a minha amada Alexia sofrer!

- E o que era? – Patrícia quis saber, curiosa.

- Deixe-me contar antes como foi a primeira vez em que, logo após aquela ceia, durante a qual mal disfarcei o meu interesse por você, o que Arthur de imediato deve ter notado, enfim nos encontramos mais reservadamente e conversamos! Você, muito retraída e encabulada no início; e eu, um Cavaleiro de Arthur, mal sabendo o que poderia ou não lhe dizer, embora o modo como nos encarávamos à distância até então deixasse claro o tipo de sentimento que compartilhávamos, e que jamais deixáramos de nutrir um pelo outro, mesmo após todos aqueles anos!

- Deve ter sido emocionante, não, ‘*milord*’? – Ouvi-a comentar carinhosamente, às minhas costas, beijando-me no ombro.

- Sim. – Sorri, enquanto recordava – Após abraçá-la, e na suposição de que talvez você não se recordasse, Arthur havia me chamado e apresentado em primeiro lugar, como amigo mais próximo, antes de Galahad, Dagonet e os outros: - “Alexia, minha irmã! Você não deve mais se recordar. Este é Lancelot, o meu mestre de armas!” Ao que notei que, embora já sabendo quem eu era, ao ouvir aquilo você corou, baixou a vista e se retraiu. É que era quase uma criança quando nos avistamos pela última vez, *my love!* – Expliquei-lhe – E ficou perdida, ali, entre o homem, o Cavaleiro de Arthur, e o menino do passado, vários anos mais velho que você, mas de quem fora amiga e, tristonha, vira partir para um destino incerto de batalhas do qual não sabia se um dia voltaríamos! Mas o fato é que nos amávamos, desde aquele tempo! E, durante um momento, você não soube mais como se portar diante de mim; então, ouvindo aquele ‘*milord*’ quase temeroso com que me saudou, acabei, desconcertado, sorrindo para você e falando: -“Alexia, por favor! Sou eu, *milady!*”... E só então, como se acordando, você sorriu também – um sorriso que nunca mais esqueci! Avançou, e, ainda tímida, abraçou-me, ternamente, ao que correspondi logo, sem que você sequer imaginasse o tanto que a sua presença já me apaixonava!

Olhei para a agora embevecida Patrícia, voltando a parar um pouco. E a beijei no rosto, e nas mãos, respeitoso.

Fez-se uma pausa natural na conversa.

Mas eu sabia que era querer muito que desistisse do ponto mais melindroso daquelas recordações, e também que seria difícil evitar contar para ela.

- Lancelot... O que, afinal, havia de problemático comigo?

- O seu nascimento, Patrícia! Você era irmã de Arthur, o maior guerreiro bretão escalado para servir a Roma e à Igreja! – Respondi, evasivo a princípio.

- Sim, mas e daí? Vocês passaram anos sem me ver, pelo que entendi!

- Passamos! Mas muito aconteceu desde então, e Arthur, apesar de tudo e do seu senso de igualdade, comparecia diante dos representantes de Roma numa posição de relevância, diferente da minha situação e da dos outros! Uma vez que conquistássemos a liberdade, eu, Tristan, Bohrs e os demais retornaríamos ao que sempre fôramos – guerreiros sármatas, quando muito duques, barões, donos de castelos... Mas Arthur era romano! E você, como irmã dele, e mesmo que sem o soubesse, comparecia no emaranhado de interesses políticos do Império! – Pausei de novo, voltando-me para olhá-la, e vi que apenas ouvia, atenta – Havia o objetivo de ligá-la maritalmente a alguém de Roma, presente na época em que retornamos! Alguém de quem você tinha grande temor, meu amor!

- Quem, Lancelot? – Ela perguntou, admirada.

Notei certa ansiedade na sua entonação, e procurei esclarecer abreviando o mais possível o lado sombrio e sofrido daquela história.

- Um dos comandantes romanos, influentes politicamente, e coligado ao bispo! Eu notava, desde o nosso reencontro, que, apesar de claramente feliz por nos rever, no que me dizia respeito você reagia às vezes

com uma atitude dúbia! Corresponhia ao meu olhar, e à atração natural que eu lhe exercia, mas noutros momentos eu a surpreendia espantada, esquiva, apressada para se ausentar, sempre que eu me acercava de você para um diálogo ou para cortejá-la! Aquilo chegou a um ponto em que não pude mais conter minha perplexidade, e então decidi dividir minha confusão de ideias com Arthur! Eu voltava de uma tentativa de aproximação em relação a qual você reagiu com a atitude mais ininteligível possível! Havia me repellido asperamente, quando afinal venci meu retraimento para assumir abertamente o que sentia por você, tentando atraí-la e abraçá-la!

- E o que eu fiz, então?!...

Olhei para Patrícia. Agora a lembrança evocava-me alguma hilaridade, mas não foi este sentimento o que experimentei na época, e sim uma quase exasperação.

- Tentei lhe abraçar... – Conteí, entre o enfado e a ironia – Perguntando-lhe porque não assumíamos de uma vez o que sentíamos um pelo outro. Nos primeiros segundos você pareceu se embevecer, chegando a se abandonar aos carinhos e beijos que principiava a lhe dar. Mas de repente, não mais que depois de alguns segundos, empurrou-me, hostil, respondendo: “- Porque ainda percebo que você não para de disputar com os Cavaleiros quem deve ter a maior quantidade de filhos espalhados no mundo!” Exclamando isto, empurrou-me e saiu.

Notei que aquilo a divertiu um pouco, mas, talvez para não me aborrecer com um humor inoportuno sobre uma recordação que obviamente me era desagradável, preferiu saber sobre a continuação da história.

- E que Arthur achou do que você lhe expôs?

- Arthur me respondeu, depois de me ouvir em silêncio: “- Lancelot! Você ama Alexia, e sei que ela lhe corresponde aos sentimentos! O que o perturba?”

Eu me lembrava daquele diálogo como se houvesse acontecido ontem. A expressão fisionômica de Arthur, sempre altiva, sempre nobre e segura. E continuei contando:

- Eu respondi para ele: - “Algo está tolhendo Alexia! Ela tem medo e sofre! Mas não sei de quê!” Então, encarando-me com a fleuma altaneira que lhe era usual, seu irmão declarou: - “ Quero que observe! Descubra o que está acontecendo! Lancelot; você é o que me é mais próximo, e a partir de agora será o protetor de Alexia! Ame-a... mas do jeito que ela merece ser amada!”

- E que jeito era esse? – Patrícia enfim perguntou, encolhendo-se contra mim sobre o cavalo em trote lento para proteger-se das rajadas frias da Bretanha.

- “Proteja-a; respeite-a... e fique com ela, sempre que possa!” Foi a resposta de Arthur. – Respondi.

- E o que mais?

Suspirei, sorrindo de leve.

Ela ainda era a mesma em muitos aspectos. E não sossegaria enquanto eu não contasse tudo.

- Cumpri à risca aquela missão que, por razões especiais, naquele tempo fora a mais importante para mim, porque eu a amava obsessivamente! Você representava o elo, o resgate de um passado de liberdade plena do qual eu mal conseguia me lembrar então, perdido nas névoas de um presente mergulhado em guerras e em sangue! Vigiava os seus passos! E um dia, conversando com você, quando estávamos a um passo de enfim nos aproximarmos definitivamente, você outra vez apresentou sem mais nem menos uma reação obscura a uma tentativa firme de beijá-la, bem quando já ia cedendo!

- Sim, e como foi? – Patrícia cobrou, e agora eu ri com vontade do seu jeito de criança empolgada com a narrativa do conto de fadas.

- Bem... Estávamos a sós, num local ermo de onde sediavam-se romanos e várias hospedarias. Passeávamos, conversando banalidades, porque eu e os demais Cavaleiros esperávamos nosso salvo-conduto de liberdade, quando a percebi tiritando de frio... mais ou menos como está aqui, agora... porque começava a nevar na Bretanha! – Ria-me ainda – Era inverno! E eu lhe disse: “ Quer que eu a aqueça um pouco, *milady?*”, enquanto me aproveitava para passar pelos seus ombros uma manta grossa que eu mesmo usava, tentando atraí-la e abraçá-la. Para certa surpresa minha, no lugar da resposta às vezes ácida e altaneira com que você ironicamente correspondia ao meu cerco, sorriu-me, um pouco maliciosa, e respondeu-me: “-Como aquecer-me, *milord?* Há neve para todo lado! Você está aquecido?”; “-Sempre!...” – Eu lhe respondi, e afinal a atraí sem mais resistências para mim. E teríamos nos beijado impetuosamente, se você, de súbito, não

recuasse, sem mais nem menos, distanciando-me, como se tivesse visto ou ouvido algo em torno que a assustou.

- E o que eu vi?! Conte!

- Calma, Patrícia! –Eu parei propositalmente, para frear a sua ansiedade. Tínhamos atingido aquele mesmo antigo ponto de encontro nosso, e aproveitei-me para apear um pouco, dando descanso às pernas meio entorpecidas pelo frio, e também ao animal que montávamos.

Mas Patrícia, apesar do frio, não dava sinais de cansaço. Recolhi-a nos braços para ajudá-la a descer, e a retive abraçada a mim. Mas de tão ansiosa pelo desfecho do caso não se deu muita conta da parada.

- Lancelot, conte!...

- Eu olhei em volta, para a direção em que você olhava, e no primeiro momento não vi nada! Mas preocupou-me e irritou-me ao mesmo tempo vê-la subitamente naquela aflição óbvia, por uma ameaça impalpável, até então fora do meu alcance para defendê-la, porque você se esquivava obstinadamente das minhas perguntas a respeito! Quando em empurrou alegando um pretexto sem nexos para afastar-se e deixar-me ali, a pressionei: - “Alexia! O que está acontecendo? Confie em mim!” – Cobrei, taxativo e ansioso, mas, metade tolhida pelo medo, metade cedendo ao meu apelo, aflita para distanciar-se, você acabou me respondendo: - “Não devemos ficar juntos, Lancelot!”; - “Mas por que?” – Perguntei, perdido, retendo-a com força pela mão – “- São, de novo, os seus temores sobre Guinevere?! Mas já lhe disse que...” – Tentei lhe explicar, confuso, aborrecido. Entretanto, naquele ponto, você me deixou ali, soltando-se com um puxão e saindo rápido, sem rumo, depois de exclamar: - “Eu não posso! Não tenho o direito! Você é um Cavaleiro, Lancelot! Dedique-se inteiramente a Arthur! Eu não posso prejudicá-los!” E aí, correu. Só que, sem que você percebesse, eu a segui. E, mais à frente, preocupado e sem entender porque você corria apavorada daquele jeito, como se fugisse, de repente, à distância, um vulto alto de homem armado a agarrou e empurrou para dentro de um galpão deserto! Pensei tratar-se de um Cavaleiro desconhecido, pelo modo como se vestia, e saquei da espada, correndo para ajudá-la! Mas quando enfim alcancei o lugar, de longe percebi o tanto que você, apesar de tudo, sabia se defender!

- Por que?

- A encontrei com uma faca, que você arrancara em luta da armadura do desconhecido, quase fincada na garganta dele, enquanto, depois de conseguir se desvencilhar, o ameaçava: - “Se ousar me atacar deste modo novamente, *milord*, mate-o, não tenha dúvidas! E de qualquer modo, durante algum tempo livro o meu irmão desta ameaça maldita que paira sobre ele! Não serei usada desta forma!”...

Parei de falar.

Estupefata, Patrícia me olhava. E eu compreendi que, enfim, parecia acreditar mais no que eu lhe dizia.

- E... o que você fez?

- Embora você tenha se assustado na hora com a minha presença, avancei para auxiliá-la. Desarme-o, e, sob os seus protestos apavorados, conduzi-o até Arthur. Era a minha obrigação, como Cavaleiro! Eu devia protegê-la, e a ele também!

- E o que Arthur fez?

- Consolidou a sua intenção de romper definitivamente laços com Roma. Pelágio estava morto, já descobrira... Ele se casaria com Guinevere, e, sob a tutela conselheira de Merlin, governaria a Bretanha!...

- E o que aconteceu ao Comandante romano?

- Eu o matei, num confronto...

Patrícia olhou-me, e silenciámos um pouco. O dia estava sombrio, e reparei que ela também aparentava deprimir-se, sob o peso da conclusão daqueles fatos havidos na Idade das Trevas.

## 10

*Resgatando um Passado*

*Para desanuviar-lhe o espírito deprimido*, e sob a influência daquele recanto frio e perdido nas montanhas, tão significativo para nós, a atraí e conduzi-a a um ângulo ainda mais isolado. A acariciei e disse-lhe palavras de reconforto. Depois, beijei-a, impetuosamente, mas ainda perturbada pelas coisas que ouviu, ela me distanciou um pouco, com gentileza.

- Lancelot! Espere! Tenha cuidado, olhe onde estamos! – E olhava em volta, apreensiva.

Patrícia nem se apercebia de que a minha narrativa fez com que ela retomasse algo das sensações e sentimentos daqueles tempos, e era esta a razão da minha relutância inicial em contar-lhe aquelas coisas. Mas agora estava feito. E eu precisava trazê-la de volta para o tempo presente.

- Não há o que temer aqui, Patrícia! – Sorri-lhe, desanuviado, atraindo-lhe o olhar para mim com outro beijo – Não há ninguém! E ninguém vai aparecer, confie em mim! – Insistia em beijá-la e envolvê-la – Sabe? Foi aqui que fizemos amor pela primeira vez!

- Se aparecer alguém, você pode perder o seu emprego!

- Eu arranjo outro! O que não vou é perder você de vista outra vez!

Ela silenciou, aturdida, e, como acontecia naquele passado distante, não pôde conter os impulsos do próprio coração. Abandonou-se ao momento, no começo relutando. Foi-se deixando envolver pelos beijos e carícias ardentes que lhe prodigalizava apaixonadamente, em meio a palavras amorosas sussurradas em surdina, que sabia exercerem sobre os sentimentos que me devotava um fascínio prodigioso.

Revivemos, deste modo, e durante um largo período daquele dia, os momentos ardorosos compartilhados num tempo longínquo, cuja distância, todavia, não contribuíra para arrefecer a intensidade dos nossos sentimentos mútuos.

E, ao término de algumas horas, quando novamente descansávamos nos braços um do outro, julguei apropriada a ocasião para consolidar com ela os nossos planos de futuro.

Segurei-lhe entre as mãos, apaixonadamente, o rosto belo e desanuviado. Beijei-a, ainda uma vez, lembrando-lhe:

- Alexia, devemos combinar o modo como você se transferirá para cá, para vivermos juntos...

- “Alexia”?! – Ela sorriu com divertimento do modo como eu aparentava não poder mais discernir os fatos de duas épocas distintas no tempo.

Sorri junto com ela. Experimentava autêntico enlevo d’alma.

- Tanto faz, não é? E então? – Insisti.

- Eu ainda estou bastante perdida no que está acontecendo, Lancelot!... – Ela confessou-me, com certo desamparo.

- Você confia em mim, não confia?

Olhamo-nos.

Patrícia me respondia, em silêncio, que estava apaixonada por mim. Que, mesmo contra a lógica e todos os seus receios, arriscaria a assumir que me amava, com tão poucos dias de convivência ali, na Bretanha. Mas o termo “confiar” ainda lhe soava incerto entre a força destes sentimentos e o seu lado racional. Por isso, fez que sim apenas, acariciando-me os cabelos, com certo embevecimento sonhador.

- Eu entendo o que você sente, Patrícia. Mas não tenha medo do que está nos acontecendo! – Pedi-lhe – Porque é algo maravilhoso para nós dois! Eu ajudarei você com todas as providências, e viveremos felizes aqui! Eu moro sozinho, num apartamento bem confortável, em Londres! Com o tempo, você se adapta, e haverá de gostar!

- Vou deixar toda a minha família para assumir esta mudança monumental na minha vida, Lancelot! E o meu trabalho na Universidade também! Entenda! Ainda me sinto insegura, perdida! – Ela confessou, olhando-me com uma confusão de sentimentos espelhados em seu rosto.

- Eis, aí, algo de que ainda não me falou! – Comentei, bem-humorado, na intenção de descontraí-la mais – Sua família! Você já se casou alguma vez, já teve filhos? – Perguntei, sem poder esconder no tom da voz uma certa nota enciumada.

- Não como diz. Já me relacionei antes, durante alguns anos, com alguém. Mas também não deu certo...

Ela não satisfaz minha curiosidade para além disso, e, embora com a curiosidade ferroteada pelo ciúme oculto experimentado de repente pelo seu passado, preferi não insistir.

- Com quem você vive, lá?

- Hoje, sozinha. Antes dividia um apartamento com amigos da Universidade, todos professores. Depois me cansei. – Ela sorriu, com certo cansaço – Quis ter um espaço só para mim. Não gosto muito de agitação!

- Nunca gostou... – Observei, sugestivamente, beijando-a de novo.

Envolvemo-nos novamente em beijos e carícias, abraçados sobre o relvado perfumado daquele recanto silencioso. E depois ela me interrompeu o ímpeto ansioso com que não me cansava de tê-la seguidamente, para perguntar, em parte por se ver ainda temerosa e insegura sob todo aquele meu sequioso assédio.

- Lancelot! Lancelot, pare!... – Pediu, detendo-me – Conte para mim, meu amor! E sobre toda aquela lenda em torno da tal espada, Excalibur, e também sobre o Graal?!

Interrompi-me, a custo, compreendendo-lhe a ainda resistente reserva com que lidava com o que nos acontecia. Arquejei, tomando fôlego, e, colocando-me sobre um cotovelo a seu lado, respondi.

- Excalibur era a espada de Arthur, realmente, tida como sagrada por ter pertencido a seu pai, e ter sido forjada na Bretanha! Pode parecer bobagem, hoje, mas os celtas lidavam com estes pormenores de forma grandemente supersticiosa!

- Só isso? – Ela estranhou – E toda a história da espada cravada na pedra, e tudo mais?

- Lenda! – Expliquei, voltando a beijá-la com certa impertinência, para ela, enervante, pois me empurrou de novo, exclamando, amolada:

- Lancelot, você é insaciável, assim, sempre?!...

- Desde aquela época! – Brinquei, olhando-a com um atrevimento malicioso que a divertiu; mas ela avisou, apontando-me um dedo.

- Calma! Estou considerando mesmo a chance de ficar aqui, com você, então, não queira compensar quinze séculos numa tarde! Você vai acabar me matando! – Riu-se.

Tornei a me revestir de paciência, e continuei:

- Há uma alegoria por detrás desta história da Excalibur! Alegoria pura, porém, que não estou com muita paciência para lhe explicar agora! O fato é que Arthur tinha irmãos, hoje anônimos, mas todos ambiciosos! Arthur era o mais velho, e Uther Pendragon destinou a posse da arma exclusivamente a ele, de mérito, e por direitos naturais de herança! Daí a origem de todo o simbolismo, eis o resumo!

- E o Graal?...

Meneei, sorrindo para ela com algum enfado.

- Isto é criação quase absoluta da Igreja! Um mito religioso, mas que teve alguma utilidade, para incentivar o ser humano a persistir na busca da excelência de si mesmo, o que, teologicamente falando, foi conquistado pelo modelo ocidental religioso, no exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo!

- Mas como “criação quase absoluta da Igreja”? Vocês não saíram, de fato, em busca do Graal? Este é o principal enigma das crônicas arthurianas, e gera até hoje debates e seguidores aficionados no mundo inteiro! O Graal existiu ou não?

Olhei para ela com ternura. E tentei ser conciso sobre o significado de um assunto sobre o qual, até hoje, se fala muito sem quase nenhuma utilidade prática para além do gosto dos temas romanescos, porque

afirmar para ela que não buscamos o Graal não seria exatamente verdadeiro, como dizer que o fizemos, também, segundo o que contam as lendas, seria totalmente inverídico.

- Alexia... eu, Galahad e os outros buscamos o Graal como muitos, e mesmo você, o fazem até hoje, de vários modos, e com ou sem maior consciência! O Graal existe, *my love!*... – E toquei-a no peito e na frente, beijando-a, amoroso, nos lábios, e indicando – Aqui, e aqui!...

†

## 11

*Em Joyeuse Gard\**

- *Onde ficava o seu castelo? Existiu mesmo ou também é lenda? O...* – Patrícia se confundiu um pouco para se lembrar do nome, que lhe ajudei a recordar.

- *Joyeuse Gard!* Sim, existiu. Mas não haveria, hoje, como lhe mostrar, porque ficava num lugar onde há agora uma pequena cidade turística, com casas e prédios... – Olhei-a, sorrindo de um jeito enigmático que aparentemente ela não percebeu, ou não entendeu – A menos que nos transferíssemos de setor da vida...

- Ah... Que pena! - Lamentou com sinceridade o que ouvia de mim, e que lhe provocava vívida impressão ao espírito – E como você se sente em relação a isto, hoje? Tinha estima pelo lugar?

- Na época, pode ser! – Respondi, enquanto caminhávamos de mãos dadas pela rua extensa, silenciosa e arborizada que daria na minha residência atual. Era outro dia livre na programação da excursão, e eu queria que Patrícia conhecesse o lugar onde, esperava, em breve passaríamos a viver juntos. Andava ansioso por isso! – Mas hoje enlouqueceria, tendo que dar conta de um lugar com quarenta quartos e pelo menos uns doze salões! – Dei uma gargalhada, que ela acompanhou, meio que sem querer, e admirada do que ouvia – Ou o “castelo” viveria imundo, ou teria que abrir falência para pagar tantos empregados que limpassem e arrumassem! Ou eu mesmo teria que fazê-lo... o que daria no mesmo, penso!...

Afinal chegávamos, e, atraindo-a, aponteí a construção sóbria e baixa, com dois andares, que aparentava uma só residência, mas na verdade abrigava duas moradias, uma de frente e outra de fundos. A minha era a da frente; um sólido apartamento de dois andares, em rígido estilo clássico britânico.

Notei Patrícia olhando o prédio francamente admirada do aspecto peculiar do conjunto arquitetônico. E ela riu-se, metida num misto de encanto com aturdimento sobre o que comentar.

- Bem, Lancelot... Eu diria que você ainda vive num castelo! Embora de proporções diferentes, não?

Concordei, em parte, dividindo com ela a sua boa disposição. Fazia um dia de sol esplendoroso, amainando o ar frígido das semanas anteriores, o que contribuía para a melhoria do seu estado de ânimo.

- Sim. É o meu atual *Joyeuse Gard*. Foi residência da minha família durante várias gerações, e depois que perdi meus pais, coube-me por herança!

Ela me encarou de um modo estranho, admirada.

- Você perdeu seus pais?! Ambos?! Nossa, Lancelot! Não foi assim mesmo que lhe aconteceu na sua história de passado, como um Cavaleiro?!

Meneei, concordando, e entendendo-lhe a surpresa com a correlação das circunstâncias quase idênticas repetindo-se na minha vida, com o intervalo de alguns séculos. Afaguei-lhe o rosto, explicando, enquanto entrávamos:

- Meu pai faleceu há uns dois anos. E minha mãe há muito tempo, quando eu ainda estudava na Universidade!

Patrícia meneava, como se perguntando sobre as razões das coisas se repetirem assim.

- E você não tem irmãos?

- Quatro. Estão por aí, espalhados na Grã-Bretanha, cada um fazendo coisas diferentes! Encontramo-nos volta e meia, mas não temos muito contato!

- E... eles sabem sobre você? Quero dizer... a respeito das coisas que me contou?

Encarei-a, agora com sincero divertimento.

- Sim, *my love!* E é por isso que não temos muito contato! Os quatro me julgam um tanto fora do eixo! Mas minha irmã, principalmente, me estima com sinceridade!

- Ah... qual o nome dela?

- Mandy. Um dia a apresento a você. Espero... – Arrematei, agora olhando-a de maneira significativa a que Patrícia somente consentiu, com um suspiro indefinido.

Descerrei a porta de entrada para a sala que antecipadamente quis clara e de aspecto agradável, e a convidei a entrar.

A sua primeira impressão, todavia, foi pitoresca.

- Você vive mesmo sozinho aqui?

- Vivo, *love...* Mas... por que a pergunta?

Ainda claramente tolhida no ambiente, e mesmo na minha presença, ela encolheu os ombros, sorrindo-me, com certo retraimento.

- É tudo tão agradável, que tenho a sensação de que não apenas você cuida! Que conta com alguma ajuda!

- Feminina? – Completei-lhe o pensamento, com humor, e enfim alcançando o que lhe ocorria – Já sei. Acho que é por causa das flores e plantas! – Comentei, apontando o pequeno jardim de inverno que cultivava na sacada fronteira à sala. E avancei, descerrando mais o cortinado branco, ao perceber o seu interesse – Não, eu mesmo cuido! Sempre tive alguma queda para a botânica, sabe?

- Você?! Um antigo guerreiro?! – Foi o comentário irônico e imediato da minha antiga donzela medieval. Mas, a isso, afinal larguei as chaves sobre um aparador, e avancei, abraçando-a.

- *Joyeuse* era cheio de jardins, *milady!* – Zombei – E conhecer algo de agricultura fazia parte dos códigos de Irmandade dos Cavaleiros de Arthur! E agora, me beije: nosso primeiro beijo no seu futuro lar!

Ela correspondeu com gosto e naturalidade ao beijo; mas ainda lidava com hesitação com aquele capítulo da sua transferência inopinada para o Reino Unido. E ali, naquele momento, acabou confessando isso.

- Lancelot; ainda estou assustada demais com o que está nos acontecendo, e isto me paralisa! Mal posso adivinhar por onde começaria a providenciar uma mudança dessas!

- Você começará a providenciar por onde eu lhe orientar, Patrícia! Não se preocupe! – Fiz por onde tranquiliza-la.

- Mas como vai me orientar dessa distância toda?! – Aquilo pouco serviu para reconforta-la, o que me fez confessar de uma vez o que havia planejado a respeito, a fim de acalmá-la de vez, e que resguardava apenas comigo, à conta de surpresa.

- Será à distância deste mesmo beijo que lhe dou agora... porque eu vou com você! – Revelei, surpreendendo-a, e abraçando-a, estreitamente.

†

\* *Joyeuse Gard* – Alguns autores arthurianos, como Allan Massie, fazem alusão a esta designação do castelo de Lancelot. Nota da autora.



## 12

*Um Cavaleiro e Sua Dama*

*As três semanas de excursão do grupo de Patrícia foram se escoando vertiginosamente*, com intervalos de dias livres que sempre aproveitávamos a sós, desfrutando autêntica antecipação de lua de mel. E tudo, para ela, era progressivamente razão de êxtase e de deslumbramento, porque, quando não estávamos em minha casa, batizada definitivamente por nós de *Joyeuse Gard*, fazia questão de leva-la a passeio aos locais que nos eram mais significativos.

Andávamos a cavalo pelas extensões de bosques e montanhas britânicas. A treinei mais no arco e flecha, e também passeávamos pelas ruas e pelo comércio londrino, onde, para ela, havia um sem fim de novidades e razões para uma infinidade de perguntas.

Eu possuía um círculo reduzido de amigos, apesar do trabalho com o turismo. E um destes poucos amigos, e o que me era mais próximo, foi o único a quem quis confidenciar os meus planos para os próximos dias. Seria ele quem me auxiliaria em toda a parte burocrática da transferência de Patrícia, devido às facilidades dos seus contatos com a embaixada e consulados. Assim, quis apresenta-lo, não sem alguns avisos preliminares que mais uma vez a chocaram.

- Hoje pretendo lhe apresentar a Tristan, *my love!*

Ela se voltou, olhando-me entre a estupefação e a ironia. Pela sua expressão, era claro que não pôde me levar a sério num primeiro momento.

Nós havíamos passado a noite juntos, e o dia seria livre, naquela sua última semana de estadia turística. Assim, ainda abraçados sob as cobertas, na cama confortável do meu quarto naquele início de manhã, depois de despertarmos, a surpreendi com aquele comentário inesperado, a que ela respondeu meio rouca de sono e perdida, depois de um primeiro momento.

- Bem... bom dia, *milord!*...

- Good morning, *milady!*... – Devolvi-lhe o humor delicioso com que me saudava, sorrindo e beijando-a com gosto.

- Ok, agora explique-me esta história de Tristan! De quem está falando? E depois quero perguntar uma outra coisa, que só me ocorreu agora!

- Faça logo a segunda pergunta, então, porque a primeira exige mais explicações!

Ela concordou.

- Por que você tem em seu quarto uma cama de casal?

Foi a minha vez de novamente rir com gosto, às gargalhadas, a um ponto que acabou desconcertando-a e, ruborizada, acabando por me dar um tapa.

- Pare! O que falei que é tão engraçado?!

- Patrícia, tenho esta cama porque sabia que um dia a reencontraria novamente, entende? – Disse, ainda tentando conter o acesso de riso.

- Sei! Invente uma desculpa menos esfarrapada! Ora, apesar de tudo tenho que reconhecer que você, com esta bela aparência de guerreiro sármata, e que já me explicou ser espantosamente parecida com a

que tinha naquela época, deve atrair, ainda hoje, mulheres aos montes! Você, na certa, já viveu com alguém... e mais de uma vez, não foi?!

Procurei me conter mais, com pena da confusão encabulada e ciumenta de que ela dava mostras.

- Eu já havia lhe contado que sim! Vivi uma única vez com uma pessoa, por uns dois ou três anos... Mas não deu certo! Lembra-se? Mas por que você haveria de se preocupar de repente com a nossa cama, Patrícia?!

- *Sua cama!* – Ela corrigiu, amolada.

- *Sua também!* – Teimei. – Mas se isto lhe fizer sentir melhor, depois trocamos por outra!

- E quem, afinal, é este Tristan?! E por que este nome?! Justo este?! – Tentando se soltar um pouco de mim, ela quis se colocar sentada, interrompendo e mudando o assunto de abrupto.

Eu não permiti, puxando-a de volta e fazendo por onde acalmá-la com uma duradoura sessão de carícias e beijos.

- Quem foi esta pessoa com quem você viveu, afinal?! – Ela ainda quis insistir na conversa, atrapalhada. Mas agora quem estava interessado em desviar o seu foco era eu. E, quase a pulso, a submeti, fazendo-a esquecer-se do tempo durante pelo menos uma hora de amor e de idílio, depois de explicar, apenas para encerrar o assunto:

- Isso não interessa para nós agora! Foi desimportante demais para que percamos tempo falando na história! Era alguém da área turística, a quem acabei traindo quando viajei para a Espanha... E ela descobriu!...

13  
*Tristan*



***Tratava-se, realmente, do mesmo Tristan.*** E o nome verdadeiro dele nos dias atuais não era este, que eu adotara para chama-lo por conta de apelido durante os anos em que traváramos amizade na agência turística, embora eu nunca tivesse conseguido entrar neste assunto com ele com seriedade.

Tristan – na verdade Mathews, atualmente – trabalhava com turismo há mais tempo do que eu. Mais articulado no mundo praticamente inteiro, dera-se bem na profissão, e nunca parava muito num lugar.

Era por isso que quis aproveitar o fato de ele estar em Londres durante aquele mês para apresentar Patrícia, antes que de novo desaparecesse por tempo indeterminado, como o fazia o Tristan do passado, porque, ao que se sabia, possuía residências espalhadas em múltiplos países do planeta.

Para a nossa sorte, tinha vários contatos no Brasil, onde admirava especialmente o Rio de Janeiro, lugar de origem da minha antiga Alexia na vida atual.

Quando enfim expliquei a ela a respeito de ser, ele, o Tristan, Cavaleiro de Arthur, embora sem a mínima consciência disso, pareceu-me que foi demais para a sua capacidade de compreensão impor-lhe dois Cavaleiros da Távola numa mesma viagem de turismo, e ainda reencarnados na mesma época. Não teceu nenhum comentário após me ouvir, e, na hora em que nos encontramos com ele, no lugar marcado no centro de Londres, um restaurante acolhedor onde costumava almoçar, no primeiro momento ela o esquadrinhou, disfarçadamente, como se deparando um fantasma.

Era visível para mim a confusão de pensamentos na qual se via metida. Todavia, na vida de hoje Mathews possuía uma personalidade envolvente e dotada de um poderoso bom humor, bem diverso daquela versão lendária do Cavaleiro melancólico e desgostoso do seu eterno amor, Isolda – uma leitura modificada e mais pungente do que fora, segundo o mito, Lancelot, ou eu mesmo, era possível! Assim, Patrícia não teve tempo de se demorar em considerações sobre o que via, porque, levantando-se da mesa para nos receber, primeiro ele me abraçou, com camaradagem e com dois tapas nas costas. Depois, logo estendeu para ela a mão, quando a apresentei sem esconder dele o que representava para mim.

- Esta, Tristan, é aquela turista especial de quem lhe falei ao telefone! É a minha Alexia! – Expliquei, rindo um pouco da fisionomia perdida com que ela ainda olhava de um para o outro; mas, a isso, Mathews me interrompeu com uma risada, comentando, ao mesmo tempo em que, cavalheiresco, afastava uma cadeira para que ela se sentasse.

- “Alexia”?! Sei que o seu nome é Patrícia! Faz dias que este seu guia e “Cavaleiro da Távola” não fala de outra coisa! Praticamente me proibiu de sair de Londres novamente antes de vê-la, mas deixe que eu lhe pergunte: está mesmo certa da pessoa com quem está prestes a se casar? Olhe que é capaz de ele passar a usar uma armadura medieval e exigir de você que passe a se vestir como uma dama da época de Arthur!

Patrícia, em ouvindo isso, olhou para mim, alarmada.

- Não acredito que você teve a coragem de repetir para ele toda esta história, Lancelot!

- Acalme-se, *my love!* Ele sabe até mesmo o que penso a respeito dele... Só que nunca me leva a sério!

Ainda divertindo-se, Mathews me interrompeu.

- Oh, sim, perdoe-me... É que não acredito em reencarnação! – Explicou, com um gesto ameno – Mas não me importo que ele acredite nisso, ou que se recorde do que quer que seja a meu respeito! Sinto-me bem como Mathews, hoje, aqui e agora, e não me agrada muito a ideia de ter sido um Cavaleiro medieval escravizado por uma mulher!

Comentava aquilo de completo bom humor e à vontade, mas arrematei para Patrícia aquele discurso cético com uma anotação sugestiva:

- É por isso que somos amigos, Patrícia! Mas o interessante é que até hoje, também, ele é, coincidência ou não, um aventureiro convicto! Nunca se casou ou se envolveu seriamente com quem quer que seja... Ora, vejam! E Lancelot é quem ficou com a fama de ser enfeitiçado por uma fada para ser inconstante e volúvel no amor!

Patrícia ouvia. Apenas sorria-nos levemente, inibida também diante do porte ao mesmo tempo altaneiro e bonachão daquele homem ainda moço, com cabelos lisos, louro-cinza, e longos chegando-lhe aos ombros. Notando isso, junto comigo, ele fez um gesto descontraído para ela, comentando:

- Bem, seja como for, você atesta um bom gosto deste Cavaleiro de Arthur por mulheres! Daquele século para cá, isto deve ter melhorado, não é Lancelot? Rá, rá! Então, veremos no que posso ajudar para consolidar este reencontro feliz!...

Ele ajudou tanto que, afora conselhos e orientações úteis, providenciou comigo também as passagens. Travou contatos imprescindíveis em ambos os países, com presteza admirável, e encaminhou para Patrícia toda a parte burocrática da transferência. De modo que, dias depois, embarcávamos para o Brasil praticamente com a incumbência única de concluir com assinaturas toda a burocracia, e a de arrumar bagagens e pertences para a sua volta comigo.

Arrematamos as providências com um convite a Tristan, calorosamente aceito, par que fosse o nosso padrinho de casamento.

*De Volta a Camelot*

*Patrícia tinha ainda, como familiares mais próximos*, pai vivo e uma irmã.

Ambos receberam a novidade da sua partida comigo da pior maneira possível.

A irmã, Marcela, mais velha e já casada, com dois filhos, a reputou louca. E o pai, senhor Valter, sem exageros chegou às vias de rompimento com a sua caçula. Isto depois de um terrível desentendimento comigo, para inauguração de início de convivência entre um sogro e seu genro, cujo desfecho julguei, talvez, que fosse o de ele dar um jeito de me matar antes que sássemos do país.

E isto somente por causa do choque repentino da notícia, a seu ver insana, de que a filha se decidira a viver no Reino Unido, casando-se com um guia turístico inglês a quem conhecera havia apenas um mês!

Perguntei-me várias vezes, naquela ocasião, o tanto que teria sido pior se tivéssemos exposto a ambos as causas de origem espiritual e reencarnatória existentes na nossa decisão de nos unirmos assim, tão intempestivamente!

Naquela conjuntura difícil, sabia que cabia-me compreender.

Afinal, eu lembrava! Nenhum deles, e mesmo Patrícia, não! Mesmo ela se deixava levar por mim e pela situação insólita somente em função do que lhe segredavam a sua voz interior e os seus sentimentos por mim! Assim, como eu poderia esperar que aquele homem encanecido e irascível se recordasse, ou mesmo intuísse, bem a propósito, que fora ele, naquele passado distante, e que hoje ainda o vinculava tanto a nós, quanto àquela ordem incomum de ocorrências, o antigo comandante romano, que, por negociatas políticas, quase me usurpara Alexia, tombando pelas minhas mãos numa justa sangrenta na qual havíamos resolvido as nossas diferenças?!

Daí, a origem do ódio impotente e ensandecido que aparentemente me votou desde que Patrícia, com quem na verdade nunca se entendera muito bem nesta vida, me apresentara na soleira da sua porta!

Mas nada a demoveu. Hospedamo-nos no seu apartamento, e solucionamos rapidamente as últimas pendências. E, embora de alma um tanto combalida pelo clima de animosidade que deixava entre os seus familiares, e também por abandonar a sua cidade e o seu país de nascimento, Patrícia se manteve firme ao meu lado.

A consolei da melhor forma que pude, com carinhos e protestos de amor. E assim embarcamos de volta em voo noturno de um sábado, por uma companhia aérea britânica.

E durante a viagem, para reanima-la, relembrava os nossos planos: os filhos que pretendia dar-lhe, o que não pude realizar direito naqueles tempos distanciados. Pelo menos, não de uma forma satisfatória, já que, grávida do meu segundo filho homem, que nem lenda nem história registram, Alexia não pôde, ainda assim, permanecer a meu lado, por causa de uma sucessão de batalhas que nos distanciaram até a época em que, reencontrando-a, já deparava meu filho, Uther Hatrev, um homem e Cavaleiro!

Sonhamos, assim, um paraíso recuperado de amor e de convivência intensa. Prometi-lhe integrá-la na agência de turismo local de onde residia, já que, como historiadora, não me seria difícil obter emprego para ela, na aplicação dos seus conhecimentos históricos junto a turistas.

Horas depois, mais desanuviada por força dos meus carinhos e do nosso diálogo entusiasmado, ela já sorria, e trocávamos promessas, beijos e palavras apaixonadas. Sem saber o que bem em breve nos aguardaria!...

†

## 15

*O Desastre*

*Acordamos de um sono profundo*, dormindo abraçados sob cobertores que nos protegiam do frio incômodo dentro do avião, na parte final de uma viagem longa demais, e exaustiva – talvez pressentindo o começo de desassossego e tumulto em torno, nos primeiros instantes da aterrissagem.

Um aparente estalo inicial, forte, nalgum lugar indefinido da cabine, arrancara alguns do silêncio profundo dominando a obscuridade ambiente, onde todos os quase cento e sessenta passageiros dormiam.

A partir daquilo, ouviram-se exclamações altas, e a agitação das comissárias de bordo correndo de um lado para outro, sem explicação inicial aparente.

- *Love!* – Exclamei para Patrícia, ainda quase adormecida, como se despertasse a contragosto – Acorde, Patrícia! – Chamei de novo, beijando-a – Avisaram para colocar os cintos de segurança! Acho que já estamos descendo!

- Quero dormir! – Ela resmungou, amolada, afundando mais o rosto de encontro a mim e encolhendo-se.

Abracei-a e beijei-a, com carinho, mas percebi que precisava mesmo tirá-la do seu sono. Notava alguma movimentação anormal em volta. Teria que despertá-la de vez, embora tentasse fazer isto sem alarmá-la.

- Vamos! Acorde, dorminhoca! – Murmurei-lhe nos ouvidos – Não podemos ficar com os bancos nesta posição para pousar! – E acrescentei, brincando com malícia – Além do mais, estamos meio despidos! – Sussurrei-lhe, ao que enfim ela deu mostras de se dar conta da necessidade de se recompor da nossa brincadeira amorosa e arriscada de horas antes.

- Céus! – Comentou, erguendo-se um pouco e esfregando os olhos de má vontade – Lancelot, quando chegarmos vou dormir de novo! Estou um trapo, não consigo dormir direito durante viagens, sejam elas quais forem!

- Claro! Dormirá o quanto quiser no nosso *Joyeuse*, e ao meu lado! Mas agora, acorde de uma vez... – Chamei, insistente, com divertimento, e vestindo-me apressadamente – Ou daqui a pouco arrearão esta cortina privativa e nos flagrarão neste estado interessante! Já ouvi duas vezes o aviso interno de colocar cintos de segurança!

- Eu lhe avisei de que não deveríamos fazer isso aqui! – Patrícia replicou, atrapalhada com a sua camisa.

- Nós não resistiríamos! – Devolvi-lhe um comentário bem-humorado, relanceando-lhe um olhar apaixonado.

Foi neste ponto que, descaindo violentamente, como num vácuo, em horrível turbulência, o avião, em rota notadamente anormal, enfim alarmou a todos, principiando o tumulto.

- Lancelot!! – Tive tempo ainda de ouvir Patrícia gritar, a voz estridente de medo, lançando-se para mim e abraçando-me, com grande desespero.

Depois, explosões incompreensíveis. Correria, gritos de pavor.

As luzes piscaram intermitentemente, e apagaram-se, de súbito.

Uma sensação terrificante de que caíamos em queda livre!

Recordo-me de que, após uma pancada violenta, pavorosa, que pareceu arremessar tudo para todos os lados, em meio a estrondos de destroços se despedaçando, ainda consciente o suficiente apesar da dor

aguda de vários ferimentos, vi-me de pé sobre um amontoado de bancos quebrados, o sangue escorrendo-me pelo rosto.

Eu puxava Patrícia resolutamente pela mão, berrando-lhe:

- Vamos!! Venha, Alexia!! Não podemos perder um segundo!! Saia daí!!

Puxei-a de novo, uma última vez, com um tranco decidido, e consegui desprende-la de um amontoado de destroços. Ela, ferida e semiconsciente, mal se dava conta do que nos acontecia.

E, em meio ao clarão impressionante do fogaréu elevando-se em explosões e chamas altas na noite fechada de uma região qualquer da Inglaterra, próxima a Londres, afinal a recolhi nos braços ansiosos, resgatando-a para fora daquele inusitado inferno!

Após isso, e de nos distanciarmos apenas uns passos a mais, trôpegos, abraçados estreitamente, tombamos um sobre o outro.

E, durante um longo intervalo, esvaiu-se a nossa consciência.



## 16

*Lancelot e Alexia*

*A vizinha da casa ao lado da minha*, naquela rua extensa e bucólica de Londres, conversava com a moradora dos fundos, a senhora Feldon, em instante em que se encontraram casualmente na calçada diante do prédio.

Entremeando assuntos corriqueiros, a mulher relanceou, ao acaso, os olhos para o andar de cima do nosso apartamento, aparentemente vazio e fechado havia alguns dias, e comentou:

- Há um casal morando aí, agora, não?

A senhora Feldon hesitou.

- Não tenho muita certeza. Há dias não noto movimento no lugar, e de qualquer modo, o senhor Lancelot, que reside neste apartamento há muitos anos, é um guia turístico! Nunca para muito tempo em casa!

A vizinha parou um pouco, pensando, e comentou:

- Mas... tenho certeza de tê-lo visto, ainda ontem, saindo abraçado com uma mulher jovem, com quem estive aqui várias vezes no decorrer do mês...

- Tem certeza? Nos últimos quatro dias só noto silêncio na moradia, e, ao que percebe-se, está tudo fechado! Além do mais ouvi alguns comentários na vizinhança... Parece que ele estava naquele voo que caiu aqui em Londres, há uns dias!

- Mas não houve sobreviventes naquele vôo... E não há dúvidas de que os vi! – Argumentou a outra, enquanto ambas olhavam, intrigadas, para as janelas cerradas do nosso então *Joyeuse Gard*.

Sorri do que ouvia, do lado de dentro, enquanto Patrícia repousava um pouco no leito. A mulher da casa vizinha, de fato, não se enganara no que afiançava ter visto.

Mas também, as dúvidas da senhora Feldon não eram destituídas de fundamentos.

Desinteressando-me do diálogo casual entre as duas, fui até o leito e acomodei-me ao lado de Patrícia. E beijei-a, acordando-a, mais uma vez.

As marcas dos ferimentos mais recentes ainda apareciam, espalhados pelo seu corpo alvo e sedoso, e nalguns arranhões agora quase imperceptíveis em seu rosto. Mas a fisionomia já se via apaziguada, adorável!

Quanto a mim, livrara-me do atordoamento desesperador das primeiras horas após o desastre, e a única impressão que me restava eram resquícios do incômodo provocado pela dor dilacerante que experimentara em um braço quebrado.

Mas tratava-se somente de uma impressão, agora, da qual eu me recuperava rápido, ali, no silêncio acolhedor da nossa moradia, e enfim na presença permanente da minha adorada dama de outrora!

Conseguira, afinal, resgatá-la, em todos os possíveis sentidos. Do último desastre terrível de avião, e, principalmente, para mim! Vencendo definitivamente as ilusões enganadoras da passagem de um tempo que, para nós, não representava mais nada!

Não nos incomodaria mais...

Assim pensando, e experimentando uma felicidade e paz interior nunca antes sequer imaginada, beijei-a nas espáduas desnudas e sedosas, por sob as cobertas leves onde ainda dormitava.

- Ei, Alexia! *Milady!* Lembra-se do que combinamos? Está disposta a ir comigo agora?... – Sussurrei-lhe.

Ela foi acordando devagar, sob os carinhos que ia lhe prodigalizando, sem pressa.

Sorriu-me, graciosamente. Abraçou-me. Estreitei-me contra o seu corpo, e fizemos amor durante um longo tempo.

Horas mais tarde, eu a levava para um setor montanhês de Londres que não havíamos visitado anteriormente, e que só mencionara a Alexia de passagem. Um local que fora marcante naquele nosso passado comum.

Só que, agora, era o momento ideal para afinal leva-la para aquele lugar. Porque encontraríamos algo diferente do que deveria ser, se para ali tivéssemos nos dirigido antes.

A cavalo, portanto, a trazia comigo em delicioso trote de passeio, contemplando com prazer os arredores frios e floridos do inverno bretão, enquanto conversávamos com felicidade sobre assuntos agradáveis e planos para o futuro.

- A vizinha comentou com a senhora Feldon, hoje, que nos viu, Alexia!

Ela riu muito do que ouviu.

- E a senhora Feldon? Nos viu também?

Meneei, serenizando.

- Não, *my love!* Acho mesmo que ela não poderia...

Silenciamos. Entrelacei-lhe a mão, beijando-a com ternura, e Alexia estreitou-se contra mim, abraçando-me mais, amorosamente.

Contornamos mais alguns trechos da estradinha que subia a montanha escarpada, por entre flores e um relvado farto e refrescado pela friagem intensa da estação. E, afinal atingindo o patamar mais alto, com visão deslumbrante para um vale distanciado, e recortado por um longo rio sereno e cristalino, no meio do qual se via portentoso castelo, apontei:

- Lá está, minha Alexia! Olhe: o verdadeiro *Joyeuse Gard!*...

Ao que ela sussurrou-me, sorrindo encantadoramente, com entonação adorável:

- Esperando-nos, meu Cavaleiro! *Milord!* Desde há dezesseis séculos!...

Sorri com ela.

Voltei a beijar-lhe a mão delicada. Esporeei de leve o meu antigo manga-larga negro.

E afinal conduzi Alexia para a verdadeira e feliz continuação da história de amor por nós principiada, há tanto e tanto tempo!...

†

**FIM**

...



